ENTREVISTA
Antonio Batista, presidente da Fundação Dom Cabral: "PIB não seguirá crescendo sem reformas"

A GUERRA E O BRASIL
Como a ofensiva do Irã sobre Israel pode afetar o comércio global, o preço do petróleo e as exportações brasileiras

ALÉM DOS CANIVETES
Suíça Victorinox celebra 140 anos com novidades no portfólio, de relógios a perfumes femininos

ISTOÉ Dinheiro

Conhecido como rei dos condomínios em Miami, JORGE PEREZ começa a entregar no Brasil o maior empreendimento imobiliário da América Latina, com torres de 47 andares, shopping center, uma unidade do Hospital Albert Einstein e Valor Geral de Vendas estimado em R$ 14,2 bilhões

O BILIONÁRIO QUE CRIOU O PARQUE GLOBAL

CARTA BRANCA PARA O GASTO

Foi para as calendas a propalada responsabilidade fiscal. Quase nada mais existe que consiga frear a sanha de despesas do Estado brasileiro. O governo vai seguir gastando muito, no seu pendor perdulário, sem limite ou controle e o País viverá por mais algum tempo — ninguém sabe ou pode precisar até quando, a depender da disposição dos ocupantes do Planalto — na penúria orçamentária. Estava escrito nas estrelas. A promessa de déficit zero de fato não vingou, nunca passou de uma quimera e agora as próprias autoridades vêm a publicar para dizer e confirmar que não irão conseguir. Para 2025, quando imaginava-se algum superávit primário, da ordem de 0,5%, nas contas do próprio Ministério da Fazenda, a rota foi calculada e a torcida no momento é de ao menos empatar as contas — ou seja, despesas iguais às receitas. Os números claramente não fecham com as expectativas que vinham se montando e as razões são simples: com a voracidade de desembolsos para alimentar emendas de políticos e uma certa leniência federal com o inchaço da máquina pública não há mesmo como se chegar a nada diferente. Resultado concreto dessa esbórnia é a falta absoluta de condições do governo de investir no que realmente importa, como saúde, educação e segurança pública. O modelo da máquina estatal brasileira está fadado ao fracasso por torrar seus recursos, empenhando absurdamente mal a arrecadação. Enquanto sucessivos chefes da Nação protelarem a urgente reforma administrativa que, entra gestão, saí gestão, é levada em banho-maria, as chances de mudanças efetivas serão nulas. O pior é que a aversão de investidores ao risco tem levado a uma debandada que agrava ainda mais a situação. Na rota traçada, o crescimento econômico em bases sustentáveis ficou distante e a credibilidade das regras também saiu arranhada. O Brasil não precisava passar por isso. A revisão das metas foi decerto um tiro no pé. Ele deixa claro que não existe efetivamente o interesse numa consolidação fiscal. A dívida pública deve continuar subindo e as projeções da praça não são nada boas. Erodir a credibilidade do regime da LDO é demonstrar falta de comprometimento com a boa gestão. Ao invés de mudar a meta, o governo deveria ter tentado uma melhor adequação de seus compromissos. Mas preferiu o atalho mais fácil e temerário. Sobrou para o ministro Fernando Haddad, que empenhou sua palavra em objetivos não críveis e teve de reconhecer, tardiamente, que a estratégia de arrumação da casa era uma utopia, promessa vazia politiqueira, sem base concreta. A perdurar o endividamento ascendente pelos próximos anos o colapso do Estado será inevitável. Não haverá arrecadação que dê conta. De uma forma ou de outra, essa revisão de meta demonstra cabalmente uma espécie de esgotamento da estratégia de ajuste pelo lado das receitas. Sem um compromisso efetivo de corte no aparato da máquina não há saída. E, como disse o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, até mesmo o custo da política monetária (leia-se mais aumento de juros) sem a âncora fiscal, será alto. Tudo de ruim prenuncia-se no horizonte.

Carlos José Marques
Diretor editorial

Índice

CAPA Foto: Nick Garcia

CRESCIMENTO

BRASIL PODE SE TORNAR 8ª ECONOMIA DO MUNDO EM 2025

O Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta crescimento de 3,2% para o Produto Interno Bruto (PIB) mundial, tanto em 2024 como em 2025. O percentual é o mesmo observado também em 2023. De acordo com o informe Perspectivas da Economia Mundial, divulgado na terça-feira (16) pela entidade, o Brasil crescerá 2,2% em 2024 e 2,1% em 2025 e, se concretizado, o Brasil poderá se tornar a oitava maior economia do mundo ano que vem. O órgão também estima que a dívida do Brasil continuará em expansão até, pelo menos, 2029. Segundo a entidade internacional,

INTERNACIONAL

Ritmo chinês

A economia da China registrou crescimento de 5,3% do PIB no primeiro trimestre de 2024, sobre um ano antes, segundo dados divulgados na terça-feira (16) pelo órgão oficial de estatísticas do país. A alta superou a projeção do mercado(+4,6%). O país fixou como meta o crescimento econômico de 5% para 2024. Em 2023, o país avançou 5,2%. O número reflete os esforços do governo chinês em fortalecer o consumo doméstico, injetando recursos na economia local. Secretário do Departamento Nacional de Estatísticas (DNE) chinês, Sheng Laiyun, disse essas puxaram oPIB 29,63 trilhões de yuans (cerca de US$ 4,17 trilhões) entre janeiro e março.

MORDE

Lula demite primo de Lira

Em um episódio com alto potencial de tensão nas relações entre o Executivo e o Legislativo, o governo federal demitiu na terça-feira (16) o superintendente regional do Incra em Alagoas, Wilson César de Lira Santos. Seria uma troca simples, se o demitido em questão não fosse primo do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira. O motivo da saída seria por conflitos com os movimentos sociais do campo, categoria importante no governo Lula. No Incra, Santos ocupava um cargo comissionado desde 2017. Antes de trabalhar no órgão, o primo de Lira também foi secretário de Assistência Social de Maceió e coordenador do plano diretor da capital alagoana.

ASSOPRA

Governo libera R$ 2,4 bi em emendas

O presidente Lula destravou a liberação de emendas no dia 16 e privilegiou aliados na distribuição da verba ao Congresso. Foram autorizados cerca de R$ 2,4 bilhões, recorde no ano e ocorre em meio a votações importantes que Lula enfrentará no Legislativo, como as regulamentações da Reforma Tributária e a folga de R$ 15 bilhões no Orçamento deste ano. Há ainda a análise dos vetos presidenciais, que deve acontecer ainda em abril.

BALANÇO

Dinheiro x Desigualdade

A desigualdade de renda é alta ou está crescendo em seis a cada dez países que recebem algum subsídio ou empréstimos do FMI e do Banco Mundial, diz relatório da Oxfam publicado na segunda-feira (15). A organização aponta 37 países onde houve aumento da desigualdade na última década, como Burkina Faso, Burundi, Etiópia e Zâmbia, e 39 com alto índice de desequilíbrio da renda, entre eles, Gana e Honduras. "O FMI e o Banco Mundial dizem que combater a desigualdade é uma prioridade, mas apoiam políticas que aumentam a divisão entre ricos e pobres", disse Kate Donald, chefe do escritório da Oxfam International nos EUA.

FOTOS: STR/AFP | FABRICE COFFRINI/AFP | FABRICE COFFRINI/AFP

a dívida fechou 2023 em 84,7% do PIB. A previsão é que avançará a 86,7% em 2024 até chegar a um pico de 93,9% em 2029. O FMI considera os títulos do Tesouro na carteira do Banco Central. A autoridade monetária exclui esses valores, por isso a divergência de percentuais entre as estatísticas. O patamar é consideravelmente maior do que o de países emergentes e de renda média. A dívida bruta média desse grupo será de 70,3% em 2024 e de 80,1% em 2029.Pelo mundo, o país com projeção de maior crescimento é a Índia (6,8% em 2024; e 6,5% em 2025). Para a China, a expectativa é de crescimento econômico de 4,6% este ano e de 4,1% em 2025. A Rússia deverá avançar 3,2% em 2024 e 1,8% em 2025. Já os Estados Unidos têm um crescimento projetado de 2,7% em 2024, e de 1,9% em 2025, enquanto a Zona do Euro deverá colher um incremento econômico de 0,8% em 2024 e de 1,5% em 2025. Segundo relatório do FMI, o desempenho das economias emergentes será decisivo para o avanço global dos próximos anos. As guerras e a escalada dos preços são pontos de atenção para os próximos meses.

US$ 1,8 TRILHÃO

é o valor estimado pelo Fórum Econômico Mundial que a economia espacial pode movimentar a até 2035. A expansão deve acontecer pelo uso de tecnologia e conectividade de alta velocidade, abrindo concorrência direta com indústria global de semicondutores.

TECNOLOGIA

Nem tão conectado assim

Só 22% dos brasileiros com mais de 10 anos de idade têm condições satisfatórias de conectividade, apesar de o acesso à internet estar perto da universalização no País. Outros 33% da população estão no nível mais baixo do índice que mede a conectividade significativa no país (de 0 a 2 pontos) e 24% ocupam a faixa de 3 a 4 pontos. Os índices são mais baixos entre pretos e pardos, nas classes D e E e nas regiões Norte e Nordeste. Os dados são do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Apesar de 84% da população do Brasil já ser usuária de internet, as condições desse acesso são desiguais "Um jovem, por exemplo, que tem acesso apenas pelo celular, com um pacote de dados que termina antes do final do mês e sem conexão em casa, aproveita menos dos benefícios da da internet", disse Graziela Castello, responsável pelo estudo.

FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO CACO ALZUGARAY

DIRETOR EDITORIAL CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO CELSO MASSON

TEXTO
REDATOR-CHEFE: Edson Rossi
EDITORES: Hugo Cilo, Paula Cristina e Sérgio Vieira
EDITOR-ASSISTENTE: Beto Silva
REPORTAGEM: Angelo Verotti, Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
Diretora de marketing e projetos: Isabel Povineli
Gerente Executiva: Andréa Pezzuto - **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br
ARACAJU – SE: Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano • Dandara Representações • Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira • 1a Página Publicidade Ltda. • Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda • Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 •
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP

POR HUGO CILO (COM BETO SILVA E LETÍCIA FRANCO)

BETTERFLY QUER VOAR NO BRASIL

A startup chilena Betterfly, que deu início a suas operações no Brasil em 2022, segue a pleno vapor seu processo de expansão no País, um de seus maiores mercados. Avaliada em US$ 1 bilhão, a plataforma que engloba seguros, ferramentas de saúde, de bem-estar e de impacto social investiu US$ 30 milhões no mercado brasileiro e prevê crescer até três vezes o número de clientes. Hoje, mais de 300 empresas oferecem os benefícios para suas equipes no Brasil, entre elas o Rappi, DPA, Neon, Banco BV e Epharma. No mundo, a empresa já atende mais de 3 mil companhias e atingiu recentemente a marca de 1 milhão de segurados. Segundo **Cristóbal della Maggiora**, cofundador e CEO da Betterfly, a personalização do atendimento é o grande diferencial da startup. "Além de oferecer uma plataforma completa, encontramos uma solução adaptada a cada empresa e usuário. Isso é fundamental para o Brasil, dada a grandiosidade e complexidade do mercado", afirmou. São Paulo e Rio de Janeiro são as principais cidades para a expansão da marca, que tem como uma de suas estratégias alcançar pequenas e médias empresas. Além do fomento dos negócios em território nacional, a startup investiu US$ 50 milhões no desenvolvimento de uma nova plataforma e na expansão na Europa e Estados Unidos.

SIMPRESS MAIS PERTO DO SEGUNDO BILHÃO

A Simpress, uma empresa de equipamentos de TI do grupo HP, projeta chegar ao inédito faturamento de R$ 2 bilhões neste ano. A empresa fechou 2023 com expansão de 23% e receita de R$1,5 bilhão. Segundo o CEO **Vittório Danesi**, os pilares do crescimento foram em automação (alta de 80%), mobile (+65%) e PCs (+40%). Outra área de destaque foi o serviço de Digital Workplace, para aumentar a experiência e a produtividade das equipes de TI. "Notamos que todas as empresas, independente de segmento ou tamanho, têm o desejo de centralizar em um só parceiro o gerenciamento de seus equipamentos e os serviços necessários para a experiência e o suporte de seus usuários", disse Danesi.

HITECH E CARUEME FECHAM PARCERIA ELETRIZANTE

O Grupo Carueme foi o escolhido pela montadora paranaense Hitech Electric para ser a representante de sua primeira concessionária do Brasil a vender seus três modelos de caminhões e utilitários 100% elétricos. A loja foi inaugurada no bairro do Morumbi, em São Paulo, no início de abril. "Nossa expectativa é comercializar entre 500 e 600 unidades neste ano, sendo 100 deles pela Carueme", afirmou Rodrigo Contin, CEO da Hitech. "Existe forte demanda no mercado, principalmente de logística", disse.

 FOTOS: MAULLIDO CINE | DIVULGAÇÃO

MULTIBENEFÍCIOS PARA AS **FARMÁCIAS**

Maior ecossistema integrado de saúde do País, a Funcional Health Tech tem aumentado a musculatura em seus negócios. A empresa, que desenvolve soluções exclusivas para indústria e varejo farmacêutico, operadoras e corretoras de saúde, vai investir R$ 35 milhões para ampliar serviços em multibenefícios corporativos, o Funcional Multi. Segundo a CEO **Cristiane Giordano**, a empresa vai fechar o ano com crescimento de 21%. "Nossa experiência unida à capacidade de inovação, e ao fato de entender a jornada de saúde, melhoram não só a experiência de quem está na ponta, como pacientes, consumidores nas farmácias e colaboradores, mas também das empresas que nos contratam como indústria, varejo e empregadores", disse. Hoje a empresa tem 13 milhões de pessoas em sua plataforma e mais de 50 mil farmácias parceiras no Brasil, que realizam mais de 19 milhões de transações por ano.

SELBETTI FAZ INVESTIMENTOS E AQUISIÇÕES

A Selbetti Tecnologia, uma das maiores integradoras de TI do País, de Joinville (SC), atingiu R$ 555 milhões de faturamento em 2023, aumento de 23% em relação ao ano anterior. Parceira de gigantes como Epson, RHB e Solum, a empresa vai destinar R$ 80 milhões para aquisições no segmento de software neste ano. **Junior Selbach**, CEO da Selbetti Tecnologia, avalia que as perspectivas de futuro para a companhia seguem em ritmo de crescimento. "Temos feito significativas aquisições e estamos em um novo momento que traz expectativas muito positivas para seguirmos crescendo. Nosso foco é a transformação digital."

SAÚDE É O QUE INTERESSA

SEJA POR MEDO DE FICAR DOENTE OU PELO PROLONGAMENTO DA JOVIALIDADE, A DEMANDA POR SUPLEMENTOS DISPAROU NO BRASIL NOS ÚLTIMOS MESES. CONFIRA O RESULTADO DE UM LEVANTAMENTO DO HUB DE SAÚDE INTERPLAYERS:

é o crescimento das vendas de vitaminas e suplementos em 12 meses

é a alta registrada de janeiro a março deste ano sobre o mesmo período de 2023

36%

foi o aumento registrado no estado do Rio de Janeiro

foi o aumento do estado de São Paulo

SP e RJ respondem por

do mercado nacional

US$ 252 bilhões é quanto o setor fatura em todo o mundo, segundo a Future Market Insights (FMI)

Fonte: InterPlayers

MOTZ ACELERA NA LOGÍSTICA

O setor logístico no Brasil já representa 13% do PIB, proporcionado pelo bom desempenho agrícola, fusões e aquisições entre empresas e implementação de novas tecnologias. De carona nessa expansão, a transportadora Motz registrou uma receita de R$ 1,172 bilhão em 2023, 13% maior em relação ao ano anterior. Em volume, a alta chegou a 25%, com 19 milhões de toneladas transportadas. "Fatores como ampliação da participação da base de clientes nos segmentos agrícola e de construção civil, o foco em atrair mais motoristas e fidelizá-los através do programa de benefícios e investimentos na área de tecnologia foram os principais responsáveis por estimular o crescimento acelerado da empresa", disse **André Pimenta**, CEO da Motz. A empresa tem hoje 55 mil motoristas cadastrados, o dobro de 2022.

ENTREVISTA | **Antonio Batista**, presidente da Fundação Dom Cabral

"Sem reformas, o atual crescimento do PIB não se sustenta"

Executivo à frente de uma das escolas de negócios mais prestigiadas do País afirma que os setores de energia, meio ambiente e agricultura abrem oportunidades para o fomento da economia e para a geração de empregos. Mas avanços dependem de uma série de mudanças do setor público

Letícia FRANCO

Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Antonio Batista está há mais de 35 anos na Fundação Dom Cabral (FDC), a pioneira escola de negócios do Brasil, fundada em 1976, e desde então uma das mais prestigiadas do setor no País. Foi eleita a sétima melhor do mundo pelo ranking de educação executiva do jornal *Financial Times* (2023) e recebe anualmente 27 mil profissionais, entre executivos, empresários e gestores públicos que buscam se aprimorar nos programas educacionais, de capacitação e desenvolvimento de lideranças do mercado nacional e internacional. Presidente-executivo da Fundação desde 2016, Batista falou à DINHEIRO sobre as oportunidades e os riscos para empresas e gestores diante do cenário econômico brasileiro de hoje e do futuro. Segundo ele, o ambiente seguirá se movimentando em torno de pautas relacionadas a temas ambientais, de inclusão e do avanço tecnológico.

DINHEIRO — Para muitos investidores, empresários e executivos brasileiros, o ano de 2023 foi dedicado a arrumar a casa, sobretudo em função da troca de governo. O que virá daqui em diante?

ANTONIO BATISTA — Nos últimos três anos, o mundo corporativo passou por uma transição ampla, acelerada pela pandemia. Neste ano, a gente observa três grandes impactos, como furacões no segmento, que exigem mudanças rápidas por parte das organizações. A questão ambiental é a primeira delas, impulsionada principalmente pela alteração climática e pela economia de baixo carbono. A segunda é a inclusão, que no Brasil pode ser associada diretamente ao social. Por fim, a adoção de tecnologia, que apresenta melhorias para toda a estrutura empresarial. Essas também são tendências para os próximos anos e décadas. Com isso, a revisão do modelo de negócios, criação novos valores e o reposicionamento são fatores importantes para empresas e executivos. O lema é: ou se adapta, ou morre.

Com a alta de 2,9% do PIB em 2023 e taxa de desemprego em queda, qual a estratégia para aproveitar esse cenário?

É um cenário positivo e que aponta para o crescimento do PIB em torno de 2% em 2024. Acredito que poderia ser maior, mas não é pouca coisa olhando para o tamanho da nossa economia. Para sustentar esse crescimento, é necessário implementar diversas reformas. O País depende delas para se tornar mais competitivo, gerar empregos e também aumentar a inclusão. Nós sabemos o que fazer, mas falta coragem política. Sem reformas e com a dificuldade de queimar capital político para executá-las, as oscilações de desemprego e inflação serão constantes. Sem reformas, o atual crescimento do PIB não se sustenta. Na iniciativa Imagine Brasil, da FDC, debatemos o florescimento sustentável da nação através do crescimento econômico pela produtividade, prosperidade ambiental, tema no qual podemos ser protagonistas, governança colaborativa entre os três setores e inclusão social, reduzindo a desigualdade.

> Não faltam oportunidades, pois temos os ativos que o mundo precisa, como energia, alimentos, meio ambiente e também um sistema democrático, relações estáveis e sem conflitos”

Quais as principais oportunidades e as maiores ameaças para as empresas?

O momento econômico atual é muito favorável para as organizações empresariais. É preciso aproveitar. O agronegócio, por exemplo, é um setor no qual toda a cadeia envolvida tem muita oportunidade de crescimento. Além disso, se acontecer a distribuição de renda média, o nível de consumo voltará a ser muito alto. Não faltam oportunidades, pois temos os ativos que o mundo precisa, como energia, alimentos, meio ambiente e também um sistema democrático, relações estáveis e sem conflitos. Tudo isso me leva a afirmar que o futuro está aqui e com isso precisamos de mão de obra qualificada à medida que a população está envelhecendo. Quem pensa em sair do País está deixando para trás boas oportunidades e optando por subempregos em outros países. Vale destacar que todas as vantagens estão atreladas às reformas tributária, trabalhista, administrativa e de saneamento. Esse conjunto pode abrir portas, como investimentos estrangeiros.

O número de profissionais que vivem no Brasil e trabalham para o exterior aumentou 491% entre 2020 e 2022, conforme pesquisa da Husky. É um problema?

Devemos olhar atentamente para esse movimento, já que caminhamos para um déficit demográfico e esses profissionais são necessários para o desenvolvimento do nosso mercado. Estamos perdendo muita mão-de-obra qualificada com o aumento de brasileiros que prestam serviços para o exterior. É preciso que os setores público e privado adotem medidas para incentivar o trabalho em território nacional.

E a internacionalização das empresas brasileiras? É uma tendência?

Não. É uma necessidade quase imperativa de se internacionalizar. Somos um mercado extremamente fechado. Os empresários, geralmente, não almejam oportunidades lá fora. Temos de mudar isso e abrir o mindset dos executivos. As startups são exemplos desse comportamento: enquanto no exterior elas são criadas para o mundo, no Brasil esse modelo é feito para o nosso próprio mercado.

Quanto às startups brasileiras, onde elas estão e para onde devem ir?

O cenário atual das startups é difícil, como sempre foi. A dureza da vida desse modelo de negócio não é um fenômeno novo, a imensa maioria ficou e ainda vai ficar pelo caminho. O desafio é construir uma preparação permanente para atender a necessidade do cliente, muito mais do que ser apenas uma marca que gera paixão pela sua tecnologia e por seu pro-

duto. Para sobreviver aos desafios, a startup tem de ser flexível e adaptável às transformações do ambiente de negócios. Não é uma tarefa simples sustentar uma empresa por longos anos, e para isso, a preparação constante é essencial, especialmente para startups.

Um levantamento recente da FDC mostra que a maior parte das startups da América Latina com foco em impacto social está no Brasil. Isso é uma resposta direta para a desigualdade social do País?

Totalmente. O Brasil é um dos países com mais organizações do terceiro setor, porque temos grandes vácuos e carências no campo social, onde o poder público não chega e as iniciativas privadas não dão conta, ou não solucionam porque não são de responsabilidade delas. Sendo assim, há muita oportunidade e espaços para empreendimentos com impacto social. É sintomático.

A inteligência artificial tem tomado conta dos debates mundo afora. No Brasil, como gestores e empresas olham para essa tecnologia?

Com muito medo, assustados, de forma especulativa e incipiente. A IA veio para ficar e já é uma das grandes transformações tecnológicas da história, mudando práticas internas e externas de empresas, como processamento de dados e atendimento ao cliente. As grandes companhias são responsáveis por puxar esse movimento, trazendo novidades no uso da IA. Já as pequenas e médias estão muito aquém e despreparadas. A questão é que a IA está ganhando mais e mais velocidade e seu aceleramento desenfreado requer adaptação dos trabalhadores.

Como avançar nessa adaptação?

Pesquisas recentes mostram que a inserção de tecnologia pode criar mais cargos do que destruir. Não se trata da substituição de trabalhadores pela inteligência artificial e sim da adaptação de mão de obra, ou seja, a alfabetização digital do profissional, que acontece de maneira mais lenta se comparada ao ritmo da tecnologia. Assim, faltam pessoas preparadas para administrá-la. Isso é um problema para o Brasil, pois não podemos esperar anos para compreender de fato a IA e outras novidades. Isso significa perder a corrida, perder o mercado. Temos de investir em educação para um desenvolvimento qualificado e rápido.

Na corrida pela inovação, o que as empresas têm deixado para trás?

Segundo Peter Drucker [escritor, professor e consultor administrativo austríaco], o marketing e a inovação são dois fatores fundamentais para um negócio. E, nessa corrida, o que as empresas têm deixado para trás é justamente a parte organizacional para alcançar a inovação, feita de forma desordenada, sem políticas e planejamentos. Muitas vezes o resultado considerado inovador vem do acaso. Exceto nas startups, cuja essência é a inovação, falta às empresas disciplina nos investimentos, recursos e uma equipe sólida para atingir resultados inovadores.

> "Não podemos esperar anos para compreender de fato a inteligência artificial e outras novidades. Isso significa perder a corrida, perder o mercado. Temos de investir em educação"

Quem tem vencido essa corrida?

As empresas nascentes do digital possuem a vantagem do letramento nesse ambiente e isso faz a diferença na hora de inovar e buscar soluções num mundo que se transformou em um grande algoritmo. Apesar disso, as empresas tradicionais, além de serem capazes, são resilientes e possuem uma bagagem muito grande, que pode servir de exemplo para as novas companhias, seja na tomada de decisão ou centralidade do cliente. Fato é que quem souber ler as demandas do mercado de maneira ágil e adaptar o empreendimento à essa leitura, sobreviverá. O mercado é como um grande funil, poucos resistem.

Outro tema muito presente nas empresas tem sido o das práticas no âmbito do ESG. Ainda há mais discurso que ação?

Sim, há mais discurso porque as empresas podem fazer muito mais nesse sentido. Porém, isso não me preocupa. Acredito que toda ação começa no discurso. Geralmente, as companhias iniciam as práticas de ESG por conveniência e depois evoluem para a convicção das mesmas. De qualquer forma, se não for por conveniência e convicção, será por coerção.

Como tem sido aplicada a diversidade em cargos de liderança?

Pode-se notar avanços, sobretudo em multinacionais, mas ainda tem muito chão. Toda sociedade precisa estar atenta para estimular e cobrar cada vez a presença de uma liderança diversa. No caso das pequenas e médias empresas, isso não é nem considerado. Por isso, o setor público e as grandes companhias têm um papel importante na busca por igualdade. Quando grandes agentes da cadeia se movimentam, eles geram pressão em todo o resto. E o ecossistema, sem dúvida, é atingido por essas mudanças positivas.

Quais os pilares para o crescimento sustentável de um negócio?

Um bom sonho, uma boa governança para estruturar e implementar esse sonho e o investimento em pessoas. O último talvez seja o mais importante. Parece clichê, mas é preciso lembrar que uma empresa é feita por pessoas, ela nunca será maior que o time, pois o time define o tamanho da instituição. Na FDC, trabalhamos para estimular modelos de negócios bem estruturados e que valorizam esses pilares. Tudo isso através de uma ferramenta essencial: a educação.

CS Team Contábil

APRESENTA

CS Team Contábil: Transformando Números em Sucesso, da Contabilidade ao Campo Esportivo

(Por TV Notícias | CS TEAM)

Na sede da CS Team Contábil em São Paulo, Rogério Rodrigues reflete sobre o legado contábil deixado por seus pais, Júlio e Iracy Rodrigues, fundadores da Contábil Sumaré em 1956. Crescido entre carimbos e livros, Rogério liderou a transformação da empresa para C Team Contábil, integrando tradição e modernidade e expandindo com foco em tecnologia e inovação.

Ele destaca que, após ser uma das primeiras empresas em São Paulo a adotar computadores em 1974, a CS Team Contábil hoje se destaca pela agilidade e atenção aos pequenos e grandes empresários, oferecendo suporte em setores como indústria, comércio e serviços, e enfatizando a qualidade nas áreas fiscal, contábil e trabalhista.

A empresa também se aventura no mundo dos esportes com a CS Team Esportes, consolidando sua presença ao oferecer contabilidade para personalidades do esporte e do surf, como Ítalo Ferreira e outros renomados atletas de skate e futebol, entre eles Gabriel, Vladimir, Thiago Gentil e Le Silva. Esta diversificação destaca ainda mais a versatilidade da CS Team.

O reconhecimento pelo trabalho vem através de prêmios significativos, como o Quality, recebido em 2005 e novamente em 2023, o Prêmio Latinoamérica Quality Institute em 2020, e a certificação ISO 9001, mantida há muitos anos. Esses prêmios refletem o compromisso contínuo da empresa com a excelência e a satisfação dos clientes.

No horizonte, a transição para a terceira geração se aproxima com a integração de Felipe, filho de Rogério, que já participa ativamente da gestão. Este movimento promete a continuidade da missão e valores da empresa, preparando a CS Team Contábil para o futuro sem perder a essência de seu legado familiar. Rogério vê essa passagem como natural e essencial, enfatizando que a contabilidade, mais do que um negócio, é um elo entre gerações, fundamentado na confiança e na inovação constante. ■

Saiba Mais:
Site:
https://www.csteamcontabil.com.br

Programa educacional no porto vira rota de futuro

Operadora do Tecon Santos, um dos maiores terminais de contêineres da América Latina, a companhia Santos Brasil completa 15 anos de realização do Formare, programa de educação profissional para jovens em situação de vulnerabilidade social, desenvolvido em parceria com a Fundação Iochpe desde 2009. O projeto, que já formou 291 jovens, é reconhecido pelo alto índice de empregabilidade: 89% dos ex-alunos conquistaram vaga de trabalho formal logo no primeiro emprego. Só a Santos Brasil contratou 110 em diferentes áreas. A formatura da 16ª turma, com 20 participantes, será em julho. E desde o dia 15 de abril estão abertas as inscrições para uma nova classe, com 25 vagas para jovens de 17 a 19 anos que moram em Guarujá (SP), cidade onde fica o Tecon Santos. "O programa é completo e beneficia tanto os funcionários, que atuam como educadores voluntários, quanto a sociedade, ao preparar jovens para o mercado de trabalho com aulas teóricas e práticas", disse à DINHEIRO **Béatrice de Toledo Dupuy**, gerente executiva de comunicação corporativa e sustentabilidade da Santos Brasil. "A formação oferecida abre diversas oportunidades profissionais e explica a elevada taxa de contratação dos alunos." Além do curso de capacitação profissional como assistente administrativo na área portuária, com 1 mil horas-aula, os selecionados têm acesso à bolsa-auxílio, refeição na empresa, uniforme, material didático e seguro de vida. Um bom embarque para o futuro.

GESTÃO SUSTENTÁVEL

AVIÃO NO SOLO COM **MENOS EMISSÕES DE CO2**

A companhia Azul Linhas Aéreas celebra nesse mês o segundo aniversário do APU Zero, que promove gestão sustentável de recursos energéticos e redução de emissões de gases de efeito estufa durante as operações em solo. O programa consiste na diminuição do uso da APU (Auxiliary Power Unit — em português, Unidade Auxiliar de Energia), que é um motor auxiliar dos aviões acionado para manter os sistemas ligados quando a aeronave está em solo. Os voos são recebidos nos aeroportos parceiros com fonte externa de energia elétrica e ar-condicionado, sem que o APU seja ligado, evitando consumo de combustível das aeronaves. Desde o início, a empresa aérea economizou 50 milhões de litros de querosene de avião, equivalente a 20 mil voos entre os aeroportos de Congonhas (SP) e Santos Dumont (RJ). A iniciativa possibilitou uma redução de 128 mil toneladas de CO2. "Observamos uma redução significativa no consumo de combustível em solo e reafirmando o compromisso da companhia em ser carbono neutro até 2045", disse **Daniel Tkacz**, vice-presidente de operações da Azul.

DESCARBONIZAÇÃO

STARTUP MIRA CAPTURAR **166 MIL TONELADAS DE CO2**

Em um cenário em que cada vez mais os países buscam conhecer as melhores soluções para ações de descarbonização, a DeCARB, primeira startup brasileira a desenvolver uma tecnologia de captura de carbono, está customizando a sua tecnologia de descarbonização para a cadeia industrial de mineração, em parceria com a Anglo American. A startup quer captar R$ 20 milhões para aplicar no processo de fabricação dos materiais de captura, financiar a produção de três equipamentos e ter capital de giro. A estimativa é que sejam capturadas 166 mil toneladas de CO2 anualmente em cada um dos equipamentos. Fundada em 2022 em Salvador (BA), a empresa está em fase de prototipação para capturar CO2 diretamente das tubulações e chaminés industriais, antes que o gás chegue à atmosfera. Para a fabricação do material, a empresa utiliza um tipo de resíduo reciclado de origem biológica. “Esse é um atributo importante da DeCARB, pois além de utilizar um material biodegradável, a sua reutilização evita que sejam emitidos gases de efeito estufa que ocorreriam no seu processo de decomposição”, disse **Alanna Vieira**, COO da DeCARB.

RECICLAGEM

IOGURTE SUSTENTÁVEL E QUE GERA RENDA

A gigante de alimentos e bebidas Danone está investindo no Brasil em um projeto pioneiro para o desenvolvimento da cadeia de reciclagem do poliestireno (plástico comumente utilizado em bandejas de iogurtes, conhecido como PS). A ação ocorre em parceria com a startup Yattó, que desenvolve soluções de reciclagem para materiais de baixa reciclabilidade. O projeto Reciclagem de Bandejas de Iogurtes é uma das iniciativas que integram a frente Danone Circula no País, que busca acelerar localmente a meta de ter 100% do seu portfólio reciclável. O programa começou com um piloto desenvolvido em 2023, envolveu 25 cooperativas e 560 profissionais. De maio a dezembro, foram recuperadas mais de 34 toneladas pós-consumo, o equivalente a 13 milhões de copinhos, gerando uma renda adicional de R$ 45 mil aos catadores. “A Danone apoia a reciclagem inclusiva há mais de 14 anos. Em linha com a nossa jornada de impacto e com a nossa ambição de promovermos as transformações necessárias rumo à uma nova economia circular, definimos esse programa pioneiro no Brasil porque desenvolve a cadeia de reciclagem do PS enquanto oferece apoio social a catadoras e catadores de material reciclável”, disse **Scheilla Montanari**, gerente de sustentabilidade da Danone.

PROJETO DE FOMENTO

UMA AÇÃO DE **ECONOMIA CIRCULAR** NA MINERAÇÃO

A gigante Weg firmou parceria com a Nexa, uma das maiores produtoras de zinco do mundo, para o desenvolvimento de tintas líquidas anticorrosivas com adição de jarosita, resíduo derivado da metalurgia de zinco. A nova solução terá como foco superfícies de aço de carbono e ferro fundido e deverá ter capacidade de conceder efeito protetivo, reduzindo o uso de matérias-primas convencionais e promovendo a economia circular na indústria. A parceria entre as duas empresas terá a duração de três anos, e conta com investimentos de R$ 4 milhões, captados junto à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência pública para promoção de fomento à ciência, tecnologia e inovação. A transformação da mineração e metalurgia para um caminho sustentável é possível e projetos como esse demonstram isso. A economia circular é a melhor alternativa para os resíduos e a parceria com a Weg acelera ainda mais”, disse **Caio Van Deursen**, gerente de inovação da Nexa.

UM ARSENAL DE PROBLEMAS PARA A ECONOMIA

Escalada dos conflitos no Oriente Médio e uma eventual guerra direta entre Israel e Irã amplificam a volatilidade nos mercados globais e geram preocupações sobre o impacto no câmbio, na inflação e nos juros aqui no Brasil

Jaqueline MENDES

FOTOS: IRANIAN REVOLUTIONARY GUARD/SEPAHNEWS VIA AP | MAHER AL MOUNES/AFP | AHMAD GHARABLI/AFP | HOSSEIN FATEMI/MIDDLE EAST IMAGES VIA AFP

Dólar, petróleo, juros, frete internacional, criptomoedas... São muitos os setores da economia que acompanham com apreensão os desdobramentos do conflito entre Israel e vizinhos do Oriente Médio. Na semana que antecedeu o ataque inédito do Irã ao território israelense, no sábado (13), a cotação do petróleo tipo Brant chegou a subir quase 2%, a US$ 92, e mesmo recuando para a casa dos US$ 89 no dia 15 com a perspectiva de que não haverá revide imediato de Israel, a incerteza sobre o futuro da economia mundial já estava posta.

A pressão por uma não escalada das hostilidades contra os árabes por parte de aliados do Ocidente, como Estados Unidos, França e Reino Unido, até ajudou a esfriar os ânimos no campo militar e gerou alívio no mercado financeiro. O presidente americano, Joe Biden, foi o primeiro entre os grandes líderes mundiais a colocar panos quentes. "Não vamos participar de retaliações contra o Irã. A prioridade agora é evitar uma guerra", disse Biden, logo após anunciar a derrubada de 99% dos mais de 300 drones e misseis lançados pelo Irã.

A declaração do presidente americano serviu como um chá de camomila os investidores do mundo inteiro e ajudou a acalmar a cotação da principais commodities, como o petróleo. Para Celso Grisi, professor da FIA Business School, preço do petróleo já embutia uma semana antes as consequências da ação militar. "Portanto o evento já estava precificado", disse. No ano passado, o Irã figurou como o oitavo maior produtor de petróleo do mundo, com produção de mais de 3,6 milhões de barris por dia, à frente do Brasil, que produziu 2,9 milhões de barris diários, segundo Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás.

A volatilidade do petróleo, que resultou em um temporário zero a zero, não reflete o que aconteceu com as criptomoedas — ativos que, assim como o ouro, têm sido mais procurados em tempos de incerteza mundial. O Bitcoin, principal moeda digital do mundo, passou de US$ 61 mil no sábado da ofensiva do Irã para US$ 66 mil na segunda. E desde então vem se valorizando. "Como reserva de valor, o Bitcoin se adapta melhor e mais rápido aos desafios", disse Fabrício Tota, diretor de Novos Negócios do MB (Mercado Bitcoin). Um detalhe que ajuda a explicar essa rápida adaptação, segundo ele, é a própria agenda de negociações. O mercado de criptoativos funciona de forma contínua, inclusive aos finais de semana, diferentemente das bolsas de valores. Ou seja, o efeito é imediato quando há ocorrências aos finais de semana.

O nervosismo com o petróleo e bitcoin também pode ser visto na cotação do dólar. A quase guerra entre Israel e Irã não foi a única razão, mas ajudou a valorizar a moeda americana em todo o mundo. Em cinco dias úteis (em 10 e 16 deste mês), a divisa tinha acumulado elevação de 5,23% frente ao real, chegando ao pico de R$ 5,29. Na quarta-feira (17), no entanto, a moeda americana recuou para R$ 5,22. No pacote de incertezas que influenciam o câmbio pesaram, além do fator guerra, os juros nos EUA e as incertezas em torno da mudança da meta fiscal no Brasil para o ano que vem (*leia mais sobre o dólar na página 24*).

No Brasil, o que mais tira o sono do mercado é a dúvida sobre os impactos do dólar e do petróleo na inflação e, por consequência,

ÓDIO E VINGANÇA
Depois do ataque que destruiu a Embaixada do Irã em Damasco, na Síria, o presidente iraniano, Ebrahim Raisi (*ao lado*), prometeu se vingar de Israel. Na foto abaixo, o sistema de defesa israelense, que derrubou grande parte dos drones e mísseis lançados contra o país no último sábado (13)

na trajetória de corte de juros promovida pelo Banco Central. O economista-chefe da Suno Research, Gustavo Sung, afirma que a alta do dólar poderá ter impacto na B3 e na curva de juros. “O petróleo e câmbio em patamares mais elevados podem afetar a gasolina e alguns serviços, como fretes e transporte. Assim, esse movimento poderia diminuir a flexibilização da taxa de juros pelo BC”, afirmou Sung. “Tudo vai depender muito da evolução do cenário e como as variáveis macro, commodities, câmbio, vão se comportar nas próximas semanas.”

No curtíssimo prazo, o economista avalia que o mercado seguirá mais estressado, com curvas de juros subindo, queda da bolsa e até um dólar permanecendo acima dos R$ 5,20. No médio prazo, ela enxerga a dissipação de alguns choques como uma redução do impasse no Oriente Médio, a maior clareza da economia dos EUA e melhor compreensão da evolução das contas públicas “Vários fatores podem impedir um ritmo de queda mais acelerado dos preços”, afirmou Sung.

COMÉRCIO Além dos efeitos indiretos da guerra no Oriente Médio na economia brasileira, um eventual conflito direto entre Israel e Irã teria algum impacto sobre o comércio exterior. A corrente de comércio do Brasil com Israel e Irã representa apenas 0,7% de tudo que o país negocia com o mundo. Em 2023, as exportações e importações brasileiras para ambos os países alcançaram US$ 4,314 bilhões. Enquanto isso, os embarques e desembarques brasileiros para todo o mundo atingiram US$ 580,5 bilhões, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic).

Especificamente sobre Israel, a corrente de comércio do Brasil chegou a US$ 2,013 bilhões no ano passado, com exportações e importações brasileiras atingindo US$ 661 milhões e US$ 1,352 bilhão, respectivamente. O mercado israelense figurou como o 54º destino das exportações brasileiras e foi o 34º mercado que mais importou. Os principais produtos embarcados foram óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, responsáveis por 21% das vendas. Na sequência, vieram carne bovina fresca, refrigerada ou congelada (19%) e soja (18%). Já os desembarques foram concentrados em adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos, com 45%, seguidos por inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes (com cerca de 11%).

No caso do Irã, a corrente de comércio do Brasil foi de US$ 2,3 bilhões no ano passado, com exportações de US$ 2,298 bilhões e importações de menos de US$ 4 milhões. Foi a 32ª nação para a qual o Brasil mais exportou e a 112ª da que mais importou. Os destaques das exportações foram soja (39%) e milho não moído, exceto milho doce (36%).

MODERAÇÃO E DIPLOMACIA
Principal parceiro econômico e militar de Israel, o presidente dos EUA, Joe Biden, apelou para que Israel não revidasse aos ataques. Ele foi ouvido

A FORÇA DO IRÃ
O país persa, oitavo maior produtor mundial de petróleo, tem se armado e desenvolvido equipamentos modernos, como drones, para um eventual conflito

 | FOTOS: ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES VIA AFP | ATTA KENARE/AFP | ANONYMOUS/MIDDLE EAST IMAGES VIA AFP

(Por TV Notícias | Gregston Marques Pereira • Foto: Gregston Marques Pereira)

Neurobrinq: Revolucionando a Primeira Infância com o Parque Multidisciplinar iUP-6D

Quando se trata de intervenção precoce no desenvolvimento infantil, poucos nomes são tão sinônimos de inovação quanto Gregston Marques Pereira e sua criação, a Neurobrinq. Com uma trajetória que se iniciou nas salas do Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL), Greg e seus sócios transformaram uma visão em uma realidade que agora atravessa fronteiras, estendendo-se do Brasil aos Estados Unidos e Europa.

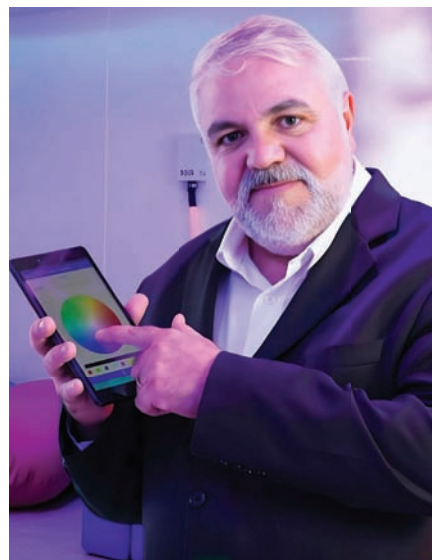
O carro-chefe da Neurobrinq, o Parque Multidisciplinar iUP-6D, não é apenas uma sala, mas um universo de possibilidades para crianças com necessidades especiais. Este ambiente único combina recursos como pedagogia, fonoaudiologia, nutrição, psicologia, fisioterapia e terapia ocupacional, todos potencializados por um avançado software que personaliza os estímulos para cada criança. A tecnologia ajusta os recursos em tempo real e incorpora inteligência artificial que aprende com as interações para aprimorar continuamente a experiência educativa e terapêutica.

Os impactos desta inovação são notáveis. Estudos indicam que as crianças que interagem com o Parque iUP-6D mostram melhorias de até 32% em habilidades cognitivas, motoras e sociais, preparando-as para um futuro de maior independência. Além do benefício imediato para as crianças, os dados também revelam uma economia significativa a longo prazo, com cada real investido economizando até sete reais em custos futuros de saúde e assistência social.

Em 2023, a Neurobrinq viu seu faturamento dobrar, com projeções ainda mais otimistas para 2024. Esses números não apenas refletem o sucesso comercial da empresa, mas também o impacto social profundo de suas iniciativas. Com a expansão internacional, a Neurobrinq não só aumentará seu alcance, mas também introduzirá novos públicos a uma metodologia educacional e terapêutica que já provou ser transformadora.

A história de Greg e a Neurobrinq é um testemunho do poder da tecnologia aliada à sensibilidade humana para enfrentar alguns dos desafios mais complexos da educação e desenvolvimento infantil. A empresa se destaca como um exemplo de como a inovação pode ser usada para o bem maior, ajudando a formar uma geração de crianças mais capacitadas e menos dependentes de assistência continuada.

A Neurobrinq não está apenas imaginando um futuro melhor para crianças com necessidades especiais; ela está construindo esse futuro, um parque multidisciplinar por vez. Este compromisso com a excelência e a inovação posiciona a empresa como um modelo vital para o desenvolvimento do país e para a formação de futuras gerações que serão, indubitavelmente, mais inclusivas e preparadas. ■

Saiba Mais:
Site: www.neurobrinq.com

META ALTERADA Homem forte de Lula para a economia diz que, sozinho, não muda nada, e apela para o bom senso do Legislativo

Haddad recalcula rota do Orçamento

MINISTRO DA FAZENDA REVÊ METAS E PROJEÇÕES PARA 2025 E JOGA O TÃO SONHADO SUPERÁVIT, NO MELHOR DOS CENÁRIOS, PARA 2026

Paula CRISTINA

Se tem uma frase famosa entre economistas é "planejo, logo, improviso", uma adaptação ao cartesiano "penso, logo, existo". E o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tem tentado lidar com os percalços no caminho. O plano inicial, quando foi anunciado como o homem forte do governo Lula, era arrumar a casa com os mesmos moldes que fez na cidade de São Paulo. Menos gastos, menos benefícios, menos perfumaria. A diferença é que na maior cidade do Brasil, a palavra dele era última. Quando se trata do sistema presidencialista brasileiro, em especial dentro de um governo de coalizão como é atualmente, as concessões e privilégios fazem parte do jogo — mesmo que isso signifique atrapalhar a economia. Ano passado, ao executar a Lei de Diretrizes Orçamentárias feita por seu antecessor, o argumento do governo era que havia buracos enormes no orçamento e isso explicaria o rombo maior que o esperado nas contas públicas e alta no endividamento público. O problema é que, em 2024, com as diretrizes de gastos e arrecadação desenhadas pelo próprio governo, a trajetória de alta nos gastos e dívidas da União continua, e acende um sinal amarelo no mercado: será que Lula será capaz de entregar o país reequilibrado financeiramente?

Parte desta resposta pode ser obtida no Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) enviado pelo governo federal ao Congresso Nacional na segunda-feira (15). Segundo o texto, o superávit fiscal não virá em 2025. Talvez, com otimismo, fique para 2026 quando é esperado um módico superávit de 0,25% do PIB, ou algo em torno de R$ 33 bilhões.

Na prática, isso significa que o governo empurrou para frente todas as metas positivas. Ano passado a ideia já era quase zerar o déficit e isso não aconteceu (déficit de R$ 230 bilhões). Em 2024, já anteciparam que isso também não ocorrerá, com a meta de déficit na casa dos 0,25% do PIB. Em 2025, se mantidas as condições de trajetória de queda da Selic, controle da inflação e retomada da atividade econômica, o planejamento é empatar a arrecadação com os gastos. "Esse é um assunto que preocupa muita gente, e com razão. Preocupa o Ministério da Fazenda, mais do que qualquer outro ministério", disse Haddad. De acordo com ele, desde 2015, há um déficit estrutural nas contas primárias. "Não é uma coisa nova, não é uma coisa boa. O Brasil está crescendo menos por causa disso. Nosso esforço é colocar ordem nisso", disse.

Um superávit fora da banda do Arcabouço Fiscal, no entanto, deve ficar para 2027. No entendimento de Haddad, o atraso nos planos refelete a falta uma consciência coletiva, que una os Poderes da República, em direção ao reequilíbrio fiscal. "Não é fácil. A medida provisória do finalzinho do ano [sobre déficit zero] foi menos bem recebida do que as medidas do ano passado", afirmou. O ministro entende, no entanto, que faz parte do jogo. "É da vida, da democracia, mas nós precisamos discutir seriamente esses casos para continuar na trilha de, ao equilibrar as contas [sem déficit], permitir que os juros caiam, e que o crescimento seja mais robusto."

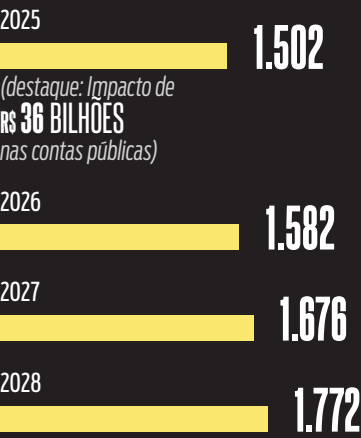
NOVOS PARÂMETROS Apesar de mudar as metas dentro da banda de 0,25% para mais ou para menos que a âncora fiscal permite, Haddad começou a adaptar seu discurso. Parte relevante do PT, inclusive a presidente do partido, Gleisi Hoffmann, falou publicamente sobre a necessidade de mudar mais drasticamente as metas fiscais, ainda mais em ano eleitoral, e com a necessidade de mais gastos do governo. Com essa fritura pública, Haddad se aproximou de Simone

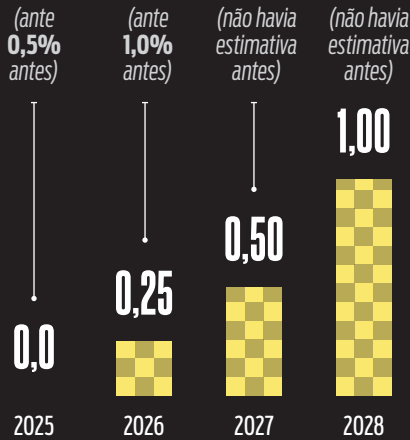
NA PONTA DO LÁPIS

Previsão do governo para os gastos nos próximos anos

Salário mínimo
(Em R$)

Ano	Valor
2025	1.502
2026	1.582
2027	1.676
2028	1.772

(destaque: Impacto de R$ 36 BILHÕES *nas contas públicas)*

Resultado primário
(Em % do PIB)

Ano	Valor	Antes
2025	0,0	(ante **0,5%** antes)
2026	0,25	(ante **1,0%** antes)
2027	0,50	(não havia estimativa antes)
2028	1,00	(não havia estimativa antes)

fonte: LDO 2025

Tebet, ministra do Planejamento, e se debruçaram em formas de convencer o presidente Lula dos riscos trazidos ao afrouxar demais a contenção dos gastos. E deu resultado.

Foi nessa parceria que nasceu soluções como o adiantamento do pagamento dos precatórios quitados ano passado e que tira a pressão orçamentária em 2024. De lá também saíram as projeções. A LDO, por definição Constitucional, precisa incluir a meta do governo e as projeções (que acoplam impressões do mercado e do Banco Central). Quando olhamos tais projeções, Lula sairá do governo com déficit fiscal. Esse rombo, que fica dentro da margem factível para não ferir a Lei de Responsabilidade Fiscal, aconteceria se não houvesse nenhuma mudança de quadro para arrecadação, por exemplo. Nesse cenário, em 2024, haverá déficit de R$ 9 bilhões; em 2025: rombo de R$ 29,1 bilhões; em 2026: rombo de R$ 14,37 bilhões.

À DINHEIRO, a Simone Tebet afirmou mudar o arcabouço ou afrouxar suas diretrizes não estão em jogo. Segundo ela, o ajuste da meta fiscal de 2025 é parte de um planejamento maioramplo de avaliação de cenários e foi necessário para que o superávit venha de modo estruturado, e não apenas maquiado para um ano apenas. "A meta é importante como um norte e nós vamos perseguir a meta zero, apesar de termos a banda de -0,25%. Não só este ano, mas como ano que vem. Garantindo, a partir daí, que o Brasil nunca mais entre em déficit. Uma garantia ousada, pelo menos para os que sabem da importância de improvisar no caminho.

DURA NA QUEDA
Simone Tebet, ministra do Planejamento, diz que alterar ou afrouxar o arcabouço fiscal não é uma opção. Plano é dar ao Brasil sustentabilidade financeira de longo prazo

A MEA CULPA

Cenário internacional explica parte da desvalorização do Real, mas sinais do governo também cobram seu preço no câmbio

Paula CRISTINA

Até parece um déjà vu. "O dólar só vai bater R$ 5 se a gente fizer muita besteira", disse o então ministro da Economia, Paulo Guedes. De fato ele estava certo. As ações do governo interferem diretamente na cotação do dólar e desvalorização do real, uma gangorra difícil de equilibrar, ainda mais quando o cenário externo também provoca seus efeitos na moeda americana mundo afora. Em evento do FMI nos Estados Unidos no dia 17 de abril, o atual ministro da Fazenda, Fernando Haddad, jogou no cenário externo dois terços dos motivos que levaram o dólar a bater R$

A DO DÓLAR ALTO

5,28. Mas isso só explica parte da narrativa. A verdade é que o dólar já vem tremendo diante de outros sinais do governo. Os impasses na Petrobras abalam o dólar, a dívida pública bater R$ 1 trilhão também. A cereja do bolo foi a mudança da meta fiscal, jogando para 2026 (com otimismo) qualquer chance de superávit nas contas públicas.

Questionado se o terço restante poderia ser atribuído à revisão da meta fiscal, o ministro disse que acredita que ainda é preciso ser mais claro com o mercado sobre o que vai acontecer nas contas públicas. "Nós estabelecemos uma trajetória que é consistente com o equilíbrio da dívida pública, mas factível à luz dos movimentos do Congresso Nacional nesses 15 meses, quase 16 meses que estamos à frente do governo. Sopesando as forças que estão envolvidas", disse o ministro na chegada ao evento do G20, organizado pelo FMI e pelo Banco Mundial. "A mudança [da meta] criou uma trajetória que parece mais consistente do que aquela que foi anunciada em março do ano passado", disse. Segundo Haddad, o plano sempre foi antecipar o o equilíbrio fiscal. "Mas nós estamos numa democracia e nós estamos negociando as medidas com o Congresso", afirmou o ministro.

Sem mencionar explicitamente derrotas recentes do governo no Legislativo, Haddad afirmou que a Fazenda precisa "negociar todas as medidas, caso a caso e, em geral, com perdas". "Na negociação, sempre a Fazenda acaba ficando desfalcada de algum pedaço que era importante para o fechamento das contas", afirmou o ministro.

ARCABOUÇO Ainda que a persistente inflação nos Estados Unidos, a sinalização de manutenção dos juros por um ciclo mais longo por lá e a escalada da guerra em Israel sejam desafios mundiais, economistas têm apontado sistematicamente o problema do Arcabouço Fiscal, medida que substituiu o Teto de Gastos de Michel Temer, mas que vai, no médio prazo, trazer problemas equivalentes. Para Alexandre Schwartsman, economista e ex-diretor do Banco Central, a solução apresentada pela Fazenda, que basicamente reposiciona tributos e reduz pouco nos gastos, é inócua. "Não adianta falar de arrecadar mais, se não há um freio factível nas despesas", afirmou o especialista. Este tipo de comportamento, inclusive, é um dos motivos que podem sustentar um dólar mais alto, e por mais tempo, do que deveria pelo comportamento da economia brasileira.

A questão das despesas, e sua relação o com o dólar, também foi citada por Frederico Bello, que ocupou o cargo de secretário no ministério do Planejamento de Temer. "Eu vejo [no Arcabouço Fiscal] o mesmo problema que percebemos no Teto [de Gastos]", disse. Segundo ele, ainda que a nova âncora fiscal possibilite uma margem de 2% acima do PIB para investimentos no ano seguinte, há setores que vão precisar de mais do que isso apenas para ter manutenção adequada. "A Saúde e Previdência Social, já em 2024, vai exigir mais que isso. E aí?".

É no "e aí?" que o mercado reage mal. A falta de certeza sobre as despesas públicas torna o Brasil menos interessante para o capital estrangeiro, enfraquece o real e resulta, por exemplo, no atraso da queda da Selic. Em um efeito dominó perverso, a morosidade da queda na Selic desemboca no aumento do custo da dívida pública, o que compromete os gastos e desvaloria o real. E é por isso que a frase de Paulo Guedes nunca me sai da cabeça.

ECONOMIA

UM ESTUDO DO BANCO MUNDIAL MOSTRA QUE A FALTA DE PLAYERS EM SETORES-CHAVES DA ECONOMIA ATRASA O CRESCIMENTO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. A LIMITAÇÃO DE OPÇÕES PARA A POPULAÇÃO SE TRADUZ EM SERVIÇOS PÚBLICOS REDUZIDOS, MENOS OPORTUNIDADES DE EMPREGO, SALÁRIOS BAIXOS E MAIS POBREZA

Jaqueline MENDES

Sem concorrência, sem crescimento

Quem passou dias às escuras em São Paulo, graças ao errático serviço da distribuidora de energia Enel, sabe o que é ser prisioneiro da ineficiência de uma concessionária de serviço essencial. O mesmo ocorre para quem tenta trocar de plano de celular e percebe que as únicas três operadoras que atuam no mercado brasileiro praticam (curiosamente!) preços e pacotes quase idênticos. E o que dizer daqueles que buscam crédito para financiar um imóvel e acabam reféns da burocracia do mesmo punhado de bancões, que dá pra contar nos dedos de uma única mão?

A concentração de mercado, o monopólio ou a falta de concorrência são alguns dos principais obstáculos para um desenvolvimento mais acelerado das economias da América Latina e Caribe, segundo estudo do Banco Mundial. O levantamento conclui que o ambiente de negócios da região, onde Brasil é a maior economia, é marcado por um forte contraste entre algumas grandes empresas que dominam os determinados setores, o filé mignon, e inúmeras pequenas empresas que disputam o osso que sobra. Atualmente, 70% dos trabalhadores são autônomos ou trabalham em empresas com menos de dez funcionários, dedicando-se, em sua maioria, a atividades de baixa produtividade.

 FOTO: DIVULGAÇÃO

Se as economias ficam estagnadas, o potencial de sua população é limitado e isso gera pobreza. Precisamos agir de forma decisiva"

CARLOS JARAMILLO
VICE-PRESIDENTE DO BANCO MUNDIAL

Na avaliação do vice-presidente do órgão para a região, Carlos Felipe Jaramillo, é preciso buscar estratégias para contornar essa situação, já que o fraco crescimento se torna, com o tempo, uma barreira crônica para o desenvolvimento. "O baixo crescimento econômico se transforma em serviços públicos reduzidos, poucas oportunidades de emprego, salários baixos e mais pobreza e desigualdade", afirmou Jaramillo. "Se as economias ficam estagnadas, o potencial de sua população é limitado e isso gera pobreza. Precisamos agir de forma decisiva para ajudar a América Latina e o Caribe a sair desse ciclo", disse o executivo.

RECEITA MEXICANA
O México tem aproveitado o nearshoring para expandir sua atividade econômica. Pela primeira vez em duas décadas, passou a China como maior fornecedor dos EUA

Pelas projeções do Banco Mundial, a economia brasileira deve crescer 1,7% em 2024. O percentual é menor do que a estimativa para 2023, de 2,9%, e mais baixo do que o esperado para 2025, de 2,2%. Os dados são da equipe do economista-chefe para a América Latina e o Caribe, William Maloney. O levantamento acrescenta ainda que, apesar da existência de agências de regulatórias (como Aneel, Anatel e ANS), a concorrência em muitos países da América Latina e do Caribe é baixa porque a aplicação das leis é considerada frágil. "Isso se dá pois muitas agências não têm recursos financeiros ou não dispõem de pessoal suficiente", disse Maloney. Soma-se a isso o inegável fato de que grandes corporações, empresas poderosas e políticos de alta patente influenciam a seu favor as políticas governamentais, prejudicando a eficácia das leis de concorrência. Esses fatores, de acordo com o estudo, criam um ciclo em que poucas grandes companhias influenciam os mercados, e as empresas em geral têm pouco incentivo para inovar.

Além de apontar o problema, o Banco Mundial sugere a solução. No caso da América Latina, as economias terão de adotar estratégias de baixo carbono ou o chamado *nearshoring*, que consiste em levar a produção para mais perto dos mercados onde os produtos serão vendidos. Nesse quesito, o México tem feito a lição de casa, com louvor. Neste ano, pela primeira vez em mais de duas décadas, o país superou a China como maior fornecedor da economia americana. "A melhoria dos sistemas de concorrência vai impulsionar as economias e beneficiar consumidores e empresas", apontou o estudo.

Outro ponto levantado pelo Banco Mundial como essencial para o desenvolvimento da região é o aprimoramento das estruturas de concorrência com o fortalecimento dos órgãos de regulamentação, apoio a políticas de inovação e o aumento as habilidades gerenciais – ou seja, da qualificação – da força de trabalho. Sem concorrência, definitivamente, não há crescimento.

BENEFÍCIO PÚBLICO (RECURSO PRIVADO)

COM 78% DOS INVESTIMENTOS EM ÁREAS COMO TELECOM, ENERGIA E SANEAMENTO PARTINDO DE EMPRESAS, GOVERNO AINDA PRECISA DE MUITO PARA ACOMPANHAR O RITMO

Paula CRISTINA

 FOTO: FREEPIK | RICARDO STUCKERT

“Queremos que o Brasil volte a ser um canteiro de obras. Gerando empregos e ativando a economia.” Com essas palavras, proferidas durante seu discurso após a vitória nas eleições em 2022 para um público que lotava a Avenida Paulista, Lula tentou dar o tom de seu governo. A ideia era que a máquina pública daria tração na economia com infraestrutura — uma estratégia similar à concebida durante suas duas primeiras gestões. Depois do primeiro ano de seu terceiro mandato, o resultado não foi bem assim. Segundo análise da Tendências Consultoria, no ano passado 78% dos investimentos em projetos de transporte e logística, saneamento básico, energia elétrica e telecomunicações partiram de empresas privadas, enquanto 22% foram públicos.

O levantamento usa dados do BNDES e da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (ABDIB). Segundo Walter de Vitto, sócio da Tendências Consultoria, o Brasil investe entre 15% e 16% do PIB em projetos de infraestrutura (entre público e privado), valor abaixo do considerado ideal pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para um país emergente, que seria entre 20% e 21% do PIB nacional. “Para chegar lá é importante a continuidade dos avanços na esfera regulatória, como a aprovação de marcos setoriais, como os de saneamento, gás e ferrovias.” De acordo com ele, para este ano, a perspectiva é de que os investimentos sigam em alta. “Com um ritmo moderado de crescimento e os juros reais recuando de uma média de 8,3% em 2023 para 4,5% em 2028, a expectativa é de aumento dos incentivos para investimentos e consumo.” Segundo a diretora de Infraestrutura, Transição Energética e Mudança Climática do BNDES, Luciana Costa, o banco quer se manter relevante nessa estapa. “Aprovamos R$ 57,4 bilhões em novos financiamentos para a infraestrutura em 2023 [alta nominal de 24%] e liberamos R$ 36,1 bilhões para projetos já aprovados [+27%]”, disse, para 2024, a diretora vê aumentos de 25% a 30% respectivamente

NOVO PAC
Parte do projeto de estímulo do governo Lula é reativar o programa de ferrovias. A ideia é que tanto o governo quanto a iniciativa privada apliquem recursos no avanço do modal

16%
DO PIB É O QUANTO O BRASIL INVESTE EM CANTEIRO DE OBRAS

21%
DO PIB É O QUANTO O BRASIL DEVERIA INVESTIR EM CANTEIRO DE OBRAS

O PAPEL DO PAC Segundo Matheus Ferreira, economista e consultor da Tendências, o PAC pode ser decisivo para o setor ganhar tração. Pelo programa, 58% dos investimentos previstos no plano virão da área privada, 22% do setor público e 20% do investimento de empresas estatais. “A intenção é que haja a contratação de R$ 1,7 trilhão em investimentos, dos quais R$ 1,4 trilhão seriam executados até 2026”, disse. Parte dos recursos, inclusive, virão de concessões já desenhadas e definidas, como portos, aeroportos e ferrovias.

Mas para chegar ao ideal indicado pelo FMI é preciso destravar também os investimentos públicos diretos. E para isso o governo resolveu incluir um gatilho no Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO), enviado no dia 15 para o Congresso Nacional. Pelo texto, as emendas parlamentares que tiverem como destino obras dentro do PAC terão sua execução acelerada. O projeto fala em “tratamento prioritário” e torna lei um plano que o governo tentou emplacar no boca a boca neste ano, mas não obteve sucesso.

Também poderiam “furar a fila” as emendas destinadas a projetos em andamento e, caso a obra durar mais de um ano, o parlamentar que destinar recursos para ela ficará comprometido a repetir o destino de sua emenda ano a ano, até sua finalização. A medida evita um problema comum, em especial em ano eleitoral: canteiros de obras iniciados e abandonados. Imaginando que a prática não será muito bem digerida pelos parlamentares, o texto também carrega uma espécie de “promoção em dobro”. Trata-se da possibilidade de dobrar o valor da emenda, para destinar a outro fim, quando enquadrar o primeiro recurso no PAC. Uma estratégia para tentar equilibrar uma estrutura que abarque — além do benefício público e do recurso privado — o interesse político.

VEM AÍ UMA NOVA BOLSA?

A REGISTRADORA CSD BR, QUE TEM COMO SÓCIOS BTG E SANTANDER, ESPERA LICENÇAS DA CVM E BC PARA SE LANÇAR COMO COMPETIDORA DA B3

Letícia FRANCO

Monopólios existem para serem quebrados? Para Adam Smith, economista escocês conhecido como o "pai do liberalismo", a concentração de poder do mercado nas mãos de poucos ou de apenas um produtor é um dos perigos para o funcionamento da livre-economia. No Brasil, o mercado de capitais tem dono: a B3 (sigla para Brasil, Bolsa e Balcão). Para o bem ou para o mal, a Bolsa brasileira conquistou seu monopólio após aquisições e fusões significativas, e hoje figura como a 20º maior do mundo, de acordo com a World Federation of Exchanges (WFE). Se depender da CSD BR, registradora de ativos financeiros, derivativos, valores mobiliários e apólices de seguro, isso pode acabar. A empresa tem investido R$ 200 milhões para a ampliar seu portfólio e espera ter duas licenças até o fim de 2024 para se lançar

 FOTO: MARCO ANKOSQUI

EDIVAR QUEIROZ Presidente da registradora aposta na capacidade de entregar uma infraestrutura mais ágil para se destacar como uma futura intermediadora de negociações

como novo competidor em até três anos.

Fundada em 2018 por Daniel Polano e Edivar Queiroz, a registradora, que tem hoje acionistas como BTG, Santander e Chicago Board Options Exchange (Cboe) e já concorre com a B3 nos serviços de registro, já nasceu com essa ambição: criar uma nova Bolsa. É o que afirmou à DINHEIRO o CEO da CSD BR, Edivar Queiroz. E a empresa deu os primeiros passos ainda em dezembro de 2020, quando entrou com pedidos junto ao Banco Central para atuar como depositária e com compensação e liquidação, e à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), neste caso para operar serviços de central depositária.

Para entrar no jogo, a CSD BR aposta suas fichas na velocidade da infraestrutura de mercado por trás das negociações financeiras e na redução do trabalho operacional de backoffice [conjunto de setores e funções administrativas sem relação direta com o core da empresa]. Tais serviços, segundo Queiroz, já são entregues por meio do registro de ativos financeiros, que totalizam R$ 1,5 trilhão. "Nossa meta é oferecer maior eficiência e praticidade para as áreas de depósitos e liquidação", afirmou o executivo.

R$ 200 MILHÕES
É O INVESTIMENTO INICIAL DA CSD PARA EXPANDIR ATUAÇÃO

Segundo Joelson Sampaio, professor FGV EESP e doutor em finanças pela instituição, a chegada de uma concorrente à B3 pode gerar benefícios para toda estrutura que envolve o mercado financeiro nacional. "Todo mundo ganha, principalmente com mais visibilidade e credibilidade. Há possibilidade de explorar novos produtos, menores custos de acesso e transações em operação", disse. Além da CSD BR, outros adversários enxergam uma avenida de oportunidades no setor. Um deles é o Americas Trading Group (ATG), sob o controle do fundo Mubadala Capital, sediado nos Emirados Árabes. A empresa planeja colocar de pé uma nova Bolsa até 2025. A diferença é que, enquanto o ATG planeja criar uma exchange ligada à infraestrutura da B3, a CSD BR pretende operar em uma plataforma própria. Na avaliação de Queiroz apesar da concorrência, a abordagem é diferente. "São estratégias distintas para o mesmo objetivo."

DESAFIOS As solicitações feitas pela registradora são partes importantes, mas em caso de aprovação, a CSD ainda não estaria apta a gerenciar uma bolsa. Em nota à DINHEIRO, a CVM informou que há um pedido em análise para a autorização da prestação de serviços de depósito centralizado, "nos termos do disposto na Resolução CVM nº 31/2021", mas afirmou que os requisitos para a constituição de um mercado organizado de bolsa e sua respectiva entidade administradora estão dispostos em outra resolução, de número 135/22. Outro trâmite é a interoperabilidade, ou seja, a capacidade de negociação de ativos em mais de uma bolsa. Embora a condição seja prevista na CVM, a B3 estaria resistente a conversas com a CSD desde dezembro de 2023, segundo Queiroz. Procurada pela reportagem, a B3 afirmou que "se reúne mensalmente com a empresa e que a autorização da atividade a ser interoperada, dentro do arcabouço regulatório vigente cabe apenas ao regulador".

Se opor ao domínio da B3 não é uma tarefa simples. Para Sampaio, apesar das vantagens de uma possível concorrência, ainda não há espaço para uma administradora do porte dela, que oferece serviços de manutenção, intermediação e negociação para pessoas físicas e jurídicas. Hoje, a B3 tem valor de mercado estimado em R$ 63,47 bilhões e mais de 400 empresas listadas. Embora líder absoluta do setor, a chegada de potenciais players no mercado de capitais é vista com precaução, dado o atual desenvolvimento do mercado. "Isso pode gerar custos, especialmente por parte dos bancos e corretoras, devido a necessidade de investimento em conexões, sistemas e controles", disse. Seja agora ou no futuro, fato é que a abertura do mercado de capitais já está em curso, transformando a resposta sobre a quebra de monopólio, nesse caso, em uma questão de quando, não de se.

UMA OBRA DE ARTE IMO

 | FOTO: NICK GARCIA

Maior empreedimento da América Latina, com 634 imóveis, uma unidade do Albert Einstein, hotel, shopping, universidade e VGV de R$ 14,2 bilhões, o Parque Global, em São Paulo, foi desenvolvido por Jorge Perez, o rei dos condomínio em Miami

Sérgio VIEIRA

A Bienal Internacional de Arte de São Paulo, um dos mais importantes eventos culturais do mundo, sempre foi uma das razões para que o bilionário Jorge Perez, argentino com raízes cubanas e naturalizado norte-americano, viesse ao Brasil. Grande colecionador de esculturas e pinturas, com quase 7 mil obras em seu acervo, o executivo também comanda na Flórida a maior incorporadora imobiliária dos Estados Unidos, a Related Group. Conhecido como o rei dos condomínios em Miami, ele hoje contempla uma de suas principais obras na construção civil: o Parque Global, empreendimento de alto luxo em uma área de 218 mil m² na Marginal Pinheiros, em São Paulo. “Estamos muito otimistas com o futuro do Brasil. Achamos que o crescimento desse produto no País continuará à medida em que a classe média cresce”, disse Perez, em entrevista exclusiva à DINHEIRO.

Considerado o maior projeto imobiliário da América Latina, o Parque Global tem dimensões internacionais. A começar pelo Valor Geral de Venda (VGV), estimado de R$ 14,2 bilhões. São cinco torres residenciais de 47 andares, que somam 634 unidades habitacionais, além de uma unidade do Hospital Israelita Albert Einstein, uma universidade, uma torre que vai abrigar um hotel, e também uma área de 110 mil m², onde será construído um shopping center (com bandeira ainda não informada). Apenas o empreendimento comercial deverá ter uma Área Bruta Locável (ABL) de 70 mil m², superior à de grandes centros comerciais como o Morumbi Shopping, com 56 mil m² e que recebeu 16,3 milhões de visitantes no ano passado.

As duas primeiras torres residenciais do Parque Global foram entregues no fim de março. Contemplam

CAPA

243 imóveis (162 na torre Regent e 81 na torre Sempione). Segundo Perez, a terceira torre ficará pronta em junho, a quarta em dezembro desse ano e a quinta no fim de 2025. Os imóveis vão de 142 m² a 384 m², além de unidades duplex de até 597 m². O metro quadrado alcança R$ 28 mil e o apartamento mais caro custa R$ 21 milhões. Parte da obra é feita no modelo de construção industrializada, no estilo pré-moldado, que agiliza o processo.

Entre as amenities oferecidas aos moradores, que, segundo o executivo americano foram inspiradas nos condomínios da Related em Miami, estão private pool (onde será possível reservar uma piscina para realização de festas fechadas), pista de boliche (primeiro empreendimento em São Paulo com essa atração), simulador de golfe, quadras de tênis coberta e descoberta, beach tênis, entre outras. O espaço de 44 mil m² que envolve a área residencial do Parque Global é considerado maior até do que alguns clubes tradicionais de São Paulo. O condomínio de luxo também irá oferecer um wine bar desenhado pelo escritório de arquitetura Archea Associati, que projetou a vinícola Antinori, localizada na Toscana e eleita a melhor do mundo em 2022 pela *World's Best Vineyards Awards*.

Para se ter uma ideia da grandiosidade desse empreendimento, o VGV do projeto é mais de quatro vezes superior ao volume registrado durante todo o mês de fevereiro na cidade de São Paulo, que foi de R$ 3,22 bilhões, segundo dados do Sindicato da Habitação (Secovi-SP).

Todo o projeto foi desenhado no conceito de smart city, com wi-fi em áreas comuns, aplicativo com acesso a serviços e espaços do condomínio, gerenciamento inteligente de iluminação das áreas, além de pontos de recarga para carros elétricos e um heliponto para drones. A perspectiva é de rápida valorização dos imóveis no Parque Global de cerca de 25% a 30%. Há previsão, sem data definida, para construção de uma estação da Linha 17-Ouro do Metrô, que ligará o Morumbi ao Aeroporto de Congonhas, no próprio terreno do Parque Global, que terá uma área verde de 58 mil m².

PARCEIRO LOCAL O projeto é realizado em parceria da Related com o grupo Bueno Netto e desenvolvido pela Benx Incorporadora. O grupo de investimentos Starwood Capital, que atua no mercado imobiliário global, também integra a iniciativa imobiliária. A perspectiva é de que a entrega total do empreendimento, inclusive com as áreas comerciais em funcionamento, ocorra em 2027. A parceria do grupo brasileiro Bueno Netto com

UM CLUBE EXCLUSIVO
Das cinco torres, duas foram entregues no fim de março. Com metro quadrado no valor de R$ 28 mil, o imóvel mais caro custa R$ 21 milhões; projeto contempla opções como wine bar e uma pista de boliche para os moradores

PASSAGEM DE BASTÃO
Jorge Perez e Adalberto Bueno Netto, ao lado de seus sucessores nos comandos das companhias: Jon Paul (esq.) e Carlos Alberto

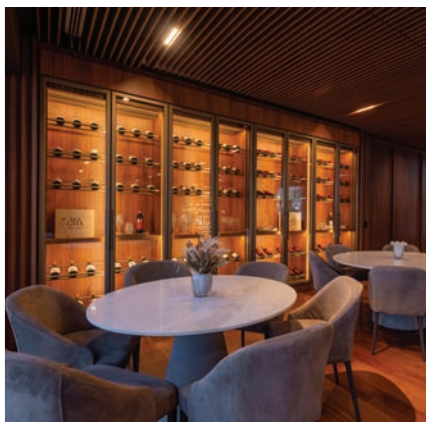
Perez para a construção do Parque Global começou em 2011. "O pessoal da Related me apresentou um arquiteto que cuidou do masterplan [plano do projeto], e que até hoje é o que está sendo utilizado no empreendimento", disse Adalberto Bueno Netto, fundador e presidente do conselho das empresas do grupo que leva seu sobrenome. "Muita gente no Brasil compra apartamento em Miami. E a Related tem esse jeito moderno de construir, focando bastante em áreas verdes", afirmou.

A aliança para construção do megabairro foi selada em São Paulo a partir de 2012. Naquele momento, o lançamento já havia sido considerado um sucesso, mas um revés jurídico, provocado por questões ambientais, fez com que a empreitada fosse interrompida em 2014. "A área nunca havia sido habitada, mas era um local considerado como um bota-fora. A gente estudou com a Cetesb e com o Ministério Público as melhorias que precisariam ser feitas e com isso obtivemos todas as licenças", afirmou Bueno Netto. O relançamento do empreendimento ocorreu em 2020. Nesse período, o projeto foi atualizado e aprimorado. "Melhoramos a infraestrutura, ampliamos as dimensões de quartos. Ficou ainda mais sofisticado."

O sucesso de vendas do Parque Global tem seguido em linha com o momento aquecido do mercado imobiliário de São Paulo, impulsionado principalmente pelo ambiente de queda de juros nos últimos meses. Segundo Ely Wertheim, presidente-executivo do Secovi-SP, a expectativa é de crescimento de 5% no volume de vendas imobiliárias nesse ano e de aumento no número de lançamentos, também estimado em 5%. "O mercado já compreendeu o modelo econômico do novo governo, e a queda dos juros, facilitando o financiamento, associada ao número baixo da taxa de desemprego têm sido fatores importantes para a perspectiva de crescimento para o setor."

SUCESSÃO Enquanto acompanha o resultado de sua obra de arte na construção civil, Perez, que tem 74 anos, planeja o processo de sucessão no comando de sua empresa, a exemplo do movimento também feito por Bueno Netto, da mesma idade do sócio estrangeiro. O construtor brasileiro está passando o bastão do grupo empresarial para o filho Carlos Alberto Bueno Netto, 46 anos, que atualmente exerce a função de diretor-geral da Benx Incorporadora. "Praticamente estou de saída e meu filho vem encabeçando os trabalhos. Temos uma equipe muito boa nas empresas. Participo da criação de produtos, acompanhamento da qualidade, mas deixo com eles a missão de tocar a companhia."

Com mais de 100 empreendimentos em vários estados do País (em todas as faixas de preço), o grupo Bueno Netto, que completa 50 anos, hoje tem concentrado sua atuação na capital paulista. E

FOTOS: KEINY ANDRADE | PAULO BRENTA |

ENTREVISTA

JORGE PEREZ
PRESIDENTE E CEO
DA RELATED GROUP

Sempre olhamos para o Brasil como o maior mercado da América Latina"

O que mais pesou na decisão de trazer esse investimento aqui para o Brasil e desenvolver esse empreendimento em São Paulo?
Nós sempre olhamos para o Brasil como o maior mercado na América Latina. Tive a sorte de conhecer Adalberto Bueno Netto, um grande incorporador brasileiro, e queríamos fazer o mesmo que nos Estados Unidos, algo que fosse icônico e poderoso, que tivesse influência em São Paulo.

O que torna o projeto icônico, na sua avaliação?
Achamos muito interessante porque, devido ao terreno grande, pudemos trazer amenities que não se vê em outros projetos no Brasil. A maioria dos que vimos era de torres individuais ou duas, com pouquíssimo espaço comum. O que fizemos foi trazer uma das melhores firmas de arquitetura do mundo, Arquitectonica, que tem escritórios em Miami, Nova York, Arábia Saudita, Londres, para projetar esse projeto de grande beleza arquitetônica. E trouxemos o melhor paisagista do mundo, na minha opinião, que é o Enzo Enea, da Suíça.

O Brasil tem demanda para outros megabairros como o Parque Global?
Sim. Entendo que esse tipo de residência de luxo plenamente complementada por amenities tem grande demanda. É preciso lembrar que o Brasil é o maior país da América Latina. Ele está bem posicionado por causa de seus recursos naturais e por causa da indústria de transformação, que assumiu uma posição importante, com muitas empresas europeias e americanas vindo para agregar à economia local.

Qual é a atual imagem do Brasil no exterior?
Do ponto de vista dos negócios internacionais, claro que houve algum medo com a mudança de governo, indo para uma filosofia mais à esquerda. Ainda assim, as pessoas veem o Brasil como bastante estável em comparação com outros lugares na América Latina. Acredito que o maior problema que os investidores estrangeiros encontram nos países latino-americanos são as possibilidades de enormes mudanças políticas quando há troca de governo. Quando eu faço uma incorporação nos Estados Unidos, só tenho uma preocupação: como está a economia, como está o mercado.

E como está a economia no governo Joe Biden?
Acho que o Biden não fez um trabalho ruim na gestão da economia dos Estados Unidos. A taxa de crescimento, de desemprego e de inflação são muito melhores do que nos países da Europa. A incerteza é sobre quem será o próximo presidente.

ele vislumbra novos projetos com Perez. "Jorge é uma figura interessante, ultra detalhista e um grande amigo. Temos algumas ideias de outros projetos."

Do lado da Related Group, a missão de tocar a companhia ficará a cargo de Jon Paul Perez, que hoje é diretor-geral da empresa. "Tive muita sorte porque meus dois filhos mais velhos, o Jon Paul, de 39 anos, e o Nicholas, de 36, sempre gostaram do setor imobiliário. Costumava dizer que eles não se envolvessem em um negócio se não tivessem paixão por aquilo", disse Perez, atualmente presidente do conselho e CEO da Related.

COLEÇÃO Mas não foi assim tão automático. "Minha regra era que, antes que pudessem trabalhar para mim, eles teriam que trabalhar fora da empresa por cinco anos, além de obter um diploma de mestrado." Ambos fizeram isso. Jon Paul hoje comanda a operação da companhia e Nicholas está na presidência da divisão de condomínios. O planejamento de Perez é de que Jon assuma como CEO no próximo ano e ele siga como chairman da Related.

O empresário americano não esconde que, com seu filho à frente dos negócios, poderá se dedicar mais a adquirir obras para seu acervo particular. Perez hoje dá nome ao museu de Arte de Miami. Das 1,8 mil obras de arte do espaço cultural localizado na Flórida, 110 foram doadas pelo empresário, que também contribuiu com US$ 35 milhões para a construção da nova sede do museu.

Uma de suas mais recentes missões tem sido aumentar sua coleção de obras de artistas brasileiros. Nomes como Vik Muniz, Artur Lescher, Tunga, Maxwell Alexandre, estão entre os preferidos do megaempresário da construção civil. "Busco arte de nomes consagrados e de artistas mais jovens. Hoje em dia estamos nos concentrando em afro-brasileiros, especialmente do Norte do Brasil."

Definitivamente, a obra de arte brasileira está no coração de Jorge Perez. E, agora, também a obra civil no País.

(Por TV Notícias)

Edgard Leite: Advocacia entre Tradição e Modernidade no Ibirapuera

São Paulo - À frente do Edgard Leite Advogados Associados, localizado no Ibirapuera, Edgard Leite destaca-se não apenas por sua liderança no direito, mas também pela capacidade de equilibrar inovação tecnológica com uma abordagem profundamente humana. Sob sua direção, o escritório se transformou num modelo de advocacia que alia excelência jurídica à sensibilidade pessoal.

Desde a transição para a informatização iniciada em 1998 na Rua Dr. Renato Paes de Barros, Edgard antecipou a importância de integrar a tecnologia na prática do direito. "A tecnologia começou a transformar nossa maneira de trabalhar desde o início, e hoje somos 100% digitais", explica Edgard. Essa transformação inclui não apenas a digitalização dos processos, mas também a incorporação da inteligência artificial para melhorar a eficácia e oferecer serviços jurídicos diferenciados.

Edgard tem um compromisso com a vanguarda tecnológica, mas mantém o toque humano como fundamental. "Embora utilizemos as mais avançadas ferramentas digitais, nosso foco continua sendo o relacionamento direto e pessoal com cada cliente", afirma. Esse equilíbrio entre alta tecnologia e interação pessoal é a marca registrada do escritório, refletindo-se na maneira como tratam cada caso com a mesma dedicação e atenção.

Sob sua gestão, o escritório ampliou significativamente suas áreas de atuação. Inicialmente focado em direito público, hoje abrange também direito empresarial, tributário, imobiliário e muitos outros, sempre em resposta às necessidades emergentes de seus clientes. "Nos últimos 50 anos, crescemos em tamanho e especializações, sempre com o objetivo de oferecer a cobertura mais completa e profunda possível", comenta Edgard.

Um busto do pai de Edgard, que inspirou o nome e os valores do escritório, ocupa um lugar de honra, servindo como lembrete diário das raízes éticas e do compromisso com a excelência.

Além de ser advogado e gestor, Edgard se dedica a fomentar um ambiente de trabalho onde a inovação é encorajada, mas o bem-estar e o desenvolvimento pessoal são prioritários. Ele promove um espaço onde advogados e funcionários podem crescer, contribuir e se sentir parte de algo maior, não apenas como profissionais, mas como pessoas valiosas dentro de uma equipe coesa e respeitadora.

Esta abordagem garante que Edgard Leite Advogados Associados não seja apenas um lugar para trabalhar ou um serviço a contratar, mas um local onde a excelência legal é alcançada através da paixão ao Direito, inovação e respeito mútuo, fazendo de Edgard Leite um nome respeitado e querido no campo jurídico. ■

NOVO CAIS
Projeto da companhia em Recife revitalizou a região do cais José Estelita, com investimentos de mais de R$ 2 bilhões. Ao lado, silos de grãos desativados (um cilíndrico e outro retangular) vão virar apartamentos residenciais

Como a Moura Dubeux constrói a excelência

Incorporadora pernambucana com foco em alta renda já é a maior do Nordeste, com market share de 25% nas principais capitais da região, e busca expansão sustentável

Allan RAVAGNANI

Prestes a completar 41 anos de existência, a incorporadora Moura Dubeux (pronuncia-se Dubê) projeta que 2024 será superior ao ano de 2023, até então o melhor de sua história, após se recuperar da turbulência pós-pandemia, além do cenário de inflação e juros altos que afetaram todo o mercado imobiliário. Horas antes de protocolar a prévia operacional na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o CEO Diego Villar e o CFO, Diogo Barral, conversaram com a DINHEIRO sobre os resultados recentes, planos futuros e a filosofia da empresa, ambiciosa, porém pés no chão.

No primeiro trimestre de 2024, o grupo realizou três lançamentos nos estados da Bahia, Alagoas e Ceará, que totalizam um Valor Geral de Vendas (VGV) de R$ 348,7 milhões, montante 39% maior ao do mesmo período de 2023. Em

Queremos ser conhecidos como uma empresa de excelência que atua na região Nordeste, nosso foco é tirar o melhor de onde já estamos

DIEGO VILLAR CEO DA MOURA DUBEUX

vendas, foram 768 unidades que somaram R$ 418 milhões no período, saldo 13% superior na comparação anual. O indicador Vendas Sobre Oferta (VSO), que aponta a velocidade das vendas após o lançamento, ficou em 46,6%, quarta alta seguida, mantendo o patamar acima de 40% há 15 trimestres. “Mostra que a empresa está sendo assertiva nos projetos e lançamentos”, afirmou Barral. A companhia também realizou a compra de quatro terrenos em 2024, aumentando seu landbank para 61 unidades, com valor de R$ 8,8 bilhões.

Listada na B3 sob o ticker MDNE3, a incorporadora conquistou a liderança do mercado imobiliário para alta e média renda na região Nordeste apostando na entrega de produtos diferenciados, segundo Diego Villar. “Todo o desenho do planejamento estratégico foi baseado no propósito de melhor produto, melhor experiência aos clientes, e na nossa meta de rentabilidade”, afirmou o CEO.

A companhia adota dois modelos no negócio. O de incorporação, assim como as maiores empresas do setor no Brasil, no qual a empresa compra o terreno, faz o lançamento, constrói e vende as unidades aos clientes, cobrando 30% de entrada e financiando o restante com o banco. E o de Condomínio Fechado, que permite maior personalização do projeto — e que diferencia a Moura Dubeux das outras construtoras listadas na B3. Neste sistema, os compradores desenvolvem o projeto junto com a empresa e vão pagando todo o custo da construção no decorrer das obras. Isso reduz despesas bancárias e de marketing para a companhia e deixa o metro quadrado cerca de 10% mais barato para os compradores.

Além dos apartamentos de luxo para moradia, localizados nas áreas nobres e avenidas beira-mar das principais capitais, a empresa diversificou os negócios apostando em outras duas linhas: A Beach Class, que oferece estúdios e apartamentos “pé na areia” para veraneio em famosos destinos turísticos no litoral nordestino, e a Mood, empresa do grupo voltada para famílias com renda em torno de R$ 15 mil mensais, com imóveis de R$ 300 mil a R$ 500 mil. “Tudo somado leva a empresa ao mercado que orbita R$ 2 bilhões ao ano, sempre mantendo o endividamento baixo e o foco na rentabilidade”, disse Villar. Essa política é o que mantém a empresa focada em ampliar sua fatia no mercado que domina e evitar expansões para outras regiões. “Nosso único plano de expansão é de ser conhecido nacionalmente, e reconhecido como uma das melhores do Brasil no setor, atuando no Nordeste.”

A grande expertise na região gera à companhia uma vantagem. “Nordeste é o segundo maior mercado do País. Tem as praias mais lindas ”, disse Villar, além dos riscos de expandir para regiões com culturas diferentes e concorrentes já estabelecidos. “Nosso foco está em tirar o melhor da região que estamos”, afirmou Villar, citando que são raros os casos de incorporadoras manterem rentabilidade atuando em praças tão diferentes. Entre as peculiaridades dos produtos da região estão as preferências pela posição em relação ao sol, varandas amplas, esquadrias e garagens generosas, materiais resistentes à oxidação e maresia, além de climatização em todos os ambientes. Dessa forma a Moura Dubeux constrói suas quatro décadas de história.

NEGÓCIOS

HENKEL AMPLIA A ADERÊNCIA

Empresa alemã de colas e adesivos inicia em Jundiaí (SP) as obras de seu primeiro centro inovação e tecnologia na América Latina, onde vai testar e criar produtos sob demanda, em parceria com a indústria

Beto SILVA

José Antônio de Castro Filho vem quebrando alguns paradigmas à frente da operação da Henkel Brasil. De pequenos a grandes. A companhia de origem alemã, líder global em adesivos, selantes e revestimentos funcionais e dona de marcas como Loctite, Persil, Pritt, Bonderite e Schwarzkopfal, carrega em sua cultura as bases corporativas do país europeu, mais engessadas a regras e menos maleáveis a adaptações. Mas o executivo, na empresa há 38 anos, quatro deles na presidência, tem dado um toque de brasilidade na condução dos processos. A começar pelas paredes da sua sala, ainda na antiga sede da companhia, em Diadema (SP) — hoje está no bairro paulistano da Lapa. O padrão branco disseminado por toda companhia ganhou um espaço colorido, com pintura na parede e decoração que remetem ao automobilismo, uma paixão de José Antônio. Ele já correu de kart com o eterno ídolo Ayrton Senna. Não virou piloto como gostaria, mas tornou-se referência no setor em que a Henkel atua. Até ganhou um apelido carinhoso no mercado: Zé das Colas. E entre as grandes transformações que conduz, uma tem ganhado notoriedade. A construção de um centro de pesquisa de desenvolvimento, na cidade de Jundiaí, em São Paulo. Será o primeiro centro integrado de inovação e tecnologia da empresa na América Latina. "É um divisor de águas para a Henkel. Vai colaborar com inovação tanto para o Brasil quanto para nossas operações mundo afora, ao testar e criar produtos sob demanda, em parceria com a indústria", disse José Antônio à DINHEIRO.

O Henkel Latam Inspiration Center vai subverter uma lógica do mercado, que não é exatamente uma novidade para a Henkel. Hoje, a maioria das indústrias lança um produto no mercado e quem precisa dele compra. Na companhia alemã, muitos itens são desenvolvidos a partir da necessidade dos clientes. "Nossos parceiros trazem os problemas e nós estudamos juntos as soluções", afirmou o executivo. "Ainda fazemos muitas experiências na sede dos clientes. Vamos centralizar em casa esses testes."

MUDANÇA DE PATAMAR
Sob comando do presidente José Antônio de Castro Filho, empresa constrói o Henkel Latam Inspiration Center (projeto na imagem ao lado), que vai concentrar os testes e criar produtos

 FOTOS: SILVIA ZAMBONI | DIVULGAÇÃO

A expectativa é que esse projeto aumente as vendas para os atuais parceiros comerciais e atraia novos clientes. Para incrementar as receitas, que têm crescido dois dígitos anualmente no Brasil. Em 2023, o faturamento da operação brasileira foi de 322 milhões de euros (R$ 1,8 bilhão). A América Latina registrou 1,68 bilhão de euros, equivalente a 7,8% das vendas globais, na ordem de 21,51 bilhões de euros.

As obras já começaram e devem ser concluídas até o final de 2025. Além do desenvolvimento de inovações e soluções para a unidade de negócios de tecnologias adesivas (Adhesive Technologies), será um centro de treinamento, capacitação e interação com clientes e parceiros na região. O Inspiration Center vai juntar as atividades dos dois laboratórios que a companhia já possui nos municípios paulistas de Itapevi e Jundiaí, onde também funcionam suas fábricas e um centro de distribuição (Jundiaí). O investimento não é revelado, mas todo o aporte é da operação brasileira, que tem gerado resultados importantes ao grupo. A produção neste momento tem quatro turnos e algumas frentes têm usado plantas fabris de parceiros para dar conta da demanda. Por aqui, os adesivos industriais e de consumo desempenham um papel importante e colocam o Brasil como polo de oportunidades para escalabilidade dos negócios, além de ser um hub estratégico de exportações.

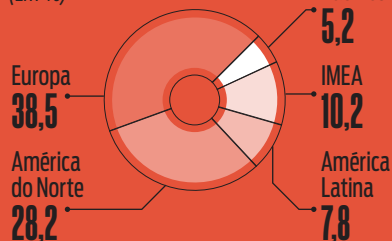
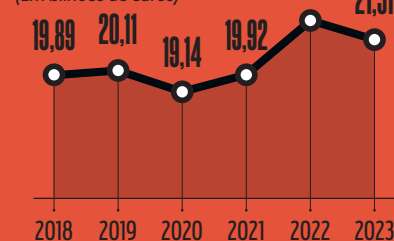
"Tudo que você usa tem produto Henkel", costuma dizer o presidente José Antônio de Castro Filho. Pode soar exagero em primeira análise, mas tem certo fundamento. A companhia alemã, que completa 148 anos, 68 deles no Brasil, tem soluções para vedação das latinhas de alumínio de cerveja, refrigerante, sucos e água. Por serem produtos alimentícios, o selante precisa, inclusive, passar pela aprovação da Anvisa, já que tem contato com os líquidos e será ingerido. O mesmo ocorre com embalagens de alimentos da BRF e JBS. As caixas são fechadas com cola especial para não oxidar ou contaminar os produtos. Quem lembra das festas em que garrafas de cerveja eram colocadas em isopores com gelo e quando retiradas do recipiente os rótulos ficavam boiando na água? Pois bem. A Henkel foi pioneira em adesivos de vasilhames resistentes a mais de 48 horas em água gelada. Uma solução até hoje usada por gigantes como Ambev.

Os itens da companhia também estão presentes em absorventes íntimos, fraldas e papel higiênico. Capacetes, fixadores de

parafusos, juntas de motores, antenas e baterias de smartphones... tudo isso possui componentes da empresa. Fogões e geladeiras têm isolamentos feitos com produtos Henkel. No carro, o produto anticorrosão aplicado antes da pintura da carroceria e das rodas e na fixação de partes plásticas são outras soluções. A cola dos livros — inclusive bíblias — é fabricado pela companhia, que também tem composto para colchões e travesseiros. O portfólio é extenso, o que inclui, por exemplo, colas de secagem ultrarrápida (como a Super Bonder, da Loctite, que virou sinônimo de cola instantânea), de um segundo, dois segundos, quatro segundos ou 90 segundos.

E vem novidades por aí. Produto para madeira engenheirada entrará em breve no mercado brasileiro. E produtos que estão à margem da operação, como a cola Tenaz, muito usada em trabalhos escolas e na confecção de pipas, deve "voltar com força" a mercado, segundo o José Antônio.

MACROECONOMIA Por sua atuação transversal em diversos setores econômicos, com produtos aplicados desde a indústria automobilística até as vendas em pequenos varejos de bairro, a Henkel tem desempenho atrelado à macroeconomia. Por isso, tem motivos para estar otimista, mas também deve ficar atenta, principalmente nos fatores externos. Ricardo Igarashi, economista e professor da Faculdade do Comércio, aponta os conflitos no Oriente Médio, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além da alta dos juros nos Estados Unidos como situações de risco. "Tudo isso pode abalar a política macroeconômica brasileira." Por outro lado, o fundo Monetário Internacional (FMI) projeta o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2,2% para 2024 e 2,1% em 2025. Soma-se a isso o anúncio, em janeiro, feito pelo governo federal, da Nova Indústria Brasil, com de R$ 300 bilhões para financiamentos no plano de ações até 2026. "Essa iniciativa vai fazer crescer vários setores da indústria, o que explica em parte do otimismo da Henkel", afirmou Igarashi. Com P&D, inovação, produtos e ventos favoráveis, a Henkel amplia sua aderência no mercado brasileiro.

PRODUÇÃO ACELERADA
Companhia possui fábricas nas cidades paulistas de Jundiaí e Itapevi. Um dos produtos mais conhecidos é a cola de secagem rápida Super Bonder

Fonte: Global Trade, ONU e Banco Mundial

O PERIGO DO SOCIAL WASHING

JORGE SANT'ANNA
DIRETOR-PRESIDENTE E COFUNDADOR DA BMG SEGUROS E MEMBRO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS

No último dia 10 de abril, tivemos em São Paulo o evento de premiação do GPTW (Great Place To Work®) Diversidade 2023. Foi impressionante ver a energia e o brilho nos olhos das centenas de participantes, motivados pelo tema da Diversidade e Inclusão. A vitalidade e empenho demonstrados pelas empresas e executivos presentes revelam a tração que o tema vem conquistando no meio empresarial no Brasil.

Está cada vez mais evidente que a diversidade não é mais apenas uma questão de opção para as empresas e sim uma condição de sobrevivência. Importante ter em mente que a diversidade em si não é capaz de impulsionar a inovação ou mesmo produtividade se não estiver acompanhada da real inclusão. Podemos por uma simples decisão ampliar a diversidade em nossas empresas. No entanto, incluir é outra história, muito mais complexa.

A inclusão depende da inteligência cultural individual e corporativa. Inteligência cultural é exatamente a nossa capacidade de respeitar e se adaptar às interações com pessoas de culturas diferentes (diferenças explícitas ou não) e usar essas distinções a favor da construção de relações positivas.

Portanto, elevarmos o índice de inteligência cultural em todos os níveis é fundamental. Para isso, temos de desmontar nossos vieses cognitivos, aquelas armadilhas inerentes ao nosso processo decisório, que nos impõe certos desvios e simplificações nos princípios de racionalidade (heurísticas), levando-nos às avaliações erradas. David Livermore, no livro *Driven by Difference: How Great Companies Fuel Innovation Through Diversity*, endereça o tema com muita profundidade, deixando claro as dificuldades do processo, que vão muito além das vitorias e conquistas iniciais.

D&I e ESG estão intimamente relacionados. D&I ganham um enorme impulso com a expansão das práticas de ESG no mundo todo.

No que diz respeito à Governança Corporativa, o Brasil tem obtido avanços bastante consistentes. Diferentemente de diversas outras jurisdições, como resultante do arcabouço regulatório, os membros do conselho de administração podem inclusive ser responsabilizados penalmente por atos ilícitos cometidos no exercício de suas funções. Cada vez mais a governança se consolida como uma prática moderna e fundamental.

Também no vetor sustentabilidade a evolução é visível, práticas sustentáveis estão se tornando condição básica para o financiamento, sobretudo internacional. A discussão aqui é muito ampla e vem ganhando muita maturidade no meio empresarial e na sociedade como todo.

Para criarmos uma sociedade diferente no longo prazo, nós, líderes, temos de mergulhar no assunto de verdade, colocando-nos a serviço de forma prática e não retórica. Quantas vezes discutimos as questões sociais que nos cercam e que cercam as nossas empresas, de maneira real e prática, em nossas reuniões de conselho e de diretoria? Quantos de nós ainda acreditam que a inclusão dos vulneráveis é uma responsabilidade exclusiva do governo? Quantos ainda preferem não enxergar o óbvio?

Ser líder empresarial vai muito além das fronteiras de sua empresa, sobretudo em uma sociedade tão desigual com a nossa.

Eu ficaria extremante feliz e realizado se na próxima edição do GPTW pudéssemos ver também o ranking das empresas que mais investem em ações sociais verdadeiras, ações de inclusão e desenvolvimento de vulneráveis. Na prática. Com certeza o poder de indução do GPTW traria muita tração também para essa realidade tão aviltada no Brasil. Como meu pai sempre dizia: "Não existe despertador silencioso. Quanto maior seu sono, mais barulho ele tem de fazer para te despertar". Meus caros líderes, é tempo de despertar.

TACOS, TORTILHAS E EXP

Rede de comida mexicana vai investir R$ 36 milhões no Brasil neste ano para abrir 15 unidades. Plano prevê chegar a 200 lojas até 2030 e tornar o País o maior operador da marca fora dos Estados Unidos

Letícia FRANCO

Tortilla, carne ou feijão, sour cream, queijo prato, alface e tomate. Esses são os ingredientes do taco supreme, responsável por 60% das vendas da Taco Bell no Brasil. Lojas drive-thru, franquias e popularização da marca. Esses são os ingredientes que devem colocar o País como a maior operação da rede de comida mexicana fora dos Estados Unidos. Com 30 unidades nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a companhia vai investir R$ 36 milhões para a abertura de 15 lojas só neste ano e prevê crescimento de 10% no faturamento — os cifras não são revelados. Para 2025, a expectativa é de que outras 20 unidades sejam inauguradas. E, assim, alcançar a meta de 200 até 2030. Avaliada em US$ 7,10 bilhões, a Taco Bell é a quinta marca de restaurante mais valiosa do mundo, segundo o ranking Brand Finance Restaurant de 2024. São 8 mil lojas em 32 países.

Com operações espalhadas pelas Américas, Europa, Ásia e Oceania, a expansão ambiciosa da rede de fast-food no mercado brasileiro se deve a três fatores principais: economia, extensão territorial e política externa. “Os números da economia têm melhorado. A gente torce para um bom desempenho da Selic [taxa básica de juros, que está 10,75%]. É fundamental. Além disso, trata-se de um País grande em termos territoriais e sem conflitos externos”, disse à DINHEIRO Jeferson Mariotto, diretor-geral da Taco Bell Brasil. No cargo desde fevereiro do ano passado, Mariotto está à frente da nova fase da marca, pertencente ao grupo

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

PLANO COM TEMPERO Aumento da rede se concentrará no Centro-Oeste, Nordeste e Sul, mas sem deixar de fortalecer a atuação no Sudeste

PANSÃO

Yum Brands (dono da Pizza Hut e do KFC).

Um ciclo que deu seus primeiros passos em outubro de 2023, quando a companhia inaugurou em Campinas (SP) a primeira unidade drive-thru no País — formato de sucesso nos Estados Unidos, principal mercado da rede. Segundo o executivo, as cidades de Bauru (SP) e Goiânia (GO) também vão receber lojas nesse formato no segundo semestre. O investimento médio em uma franquia desse modelo é de R$ 3 milhões, com faturamento mensal de R$ 500 a 600 mil. Números superiores ao investimento nas lojas express, estimado em R$ 1,8 milhão, com rendimento médio de R$ 300 mil. "O drive-thru é a nossa aposta. Os investimentos são maiores e o retorno também. O formato vende 40% mais que as unidades de shopping. Além de outras vantagens, como horário de funcionamento, que pode ser estendido", afirmou o diretor.

MUDANÇAS E DESAFIOS Outra aposta da Taco Bell é a expansão por meio de franquias. Atualmente com 22 lojas próprias e oito franqueadas, a rede visa aumentar o número de franquias nos próximos anos. De acordo com Mariotto, 12 das 15 unidades previstas para este ano serão franquias. Em 2025, estão previstas 13 franquias e sete lojas próprias. Segundo o diretor, a bandeira não vai abrir mão das unidades próprias. "Isso nos permite uma base fortalecida para falar com o franqueado, estudando e repassando nossos serviços, sem perder o padrão e a qualidade", disse. A empresa busca fortalecer sua presença em um setor em alta. Segundo a Associação Brasileira de Franchising (ABF), o faturamento do segmento no País atingiu R$ 240,6 bilhões em 2023, um crescimento de 13,8% em relação a 2022. Já o número de redes chegou a 3.311, aumento 7,6% frente ao ano anterior.

Para atingir a meta de crescimento acelerado, a rede, que chegou ao Brasil em 2016, tem pela frente o desafio de fazer com que seu cardápio picante caia no gosto de um número maior de brasileiros. Segundo Mariotto, há dois caminhos principais para atingir o objetivo: popularizar a marca entre as classes C e D, já que as lojas de maior faturamento estão no público A e B; e levar as lojas para outros estados. "A expansão se concentrará no Centro-Oeste, Nordeste e Sul, em cidades como Brasília (DF) e Maringá (PR), mas sem deixar de fortalecer nossa atuação no Sudeste", disse.

O apetite de expansão começou em 2020, mas o plano foi adiado pela pandemia. Na época, a empresa precisou realocar sete lojas, mas viu o negócio crescer e atingir novos consumidores. O delivery foi de 7% em janeiro de 2020 para 27% do faturamento da empresa hoje, contribuindo para as estratégias. Além disso, há promoções para incentivar o consumo entre estudantes e lojistas de shoppings, que hoje têm 15% de desconto nas unidades da marca.

Outra estratégia da Taco Bell é adaptar o cardápio de acordo com o paladar e bolso do brasileiro. A rede incluiu a calabresa entre as opções de ingredientes nos produtos oferecidos. Sempre mantendo a principal característica da gastronomia mexicana, que é o seu sabor picante. Isso é o que não falta para o plano de expansão da Taco Bell. Uma picância na medida certa para elevar o Brasil ao status de segunda maior operação de uma das maiores redes de fast-food do mundo. S

"O DRIVE-THRU É A NOSSA APOSTA. OS INVESTIMENTOS SÃO MAIORES E O RETORNO TAMBÉM. O FORMATO VENDE 40% MAIS QUE AS UNIDADES DE SHOPPING"

JEFERSON MARIOTTO, DIRETOR-GERAL DA TACO BELL BRASIL

AROMA DE INOVAÇÃO

A catarinense Duas Rodas, com receita de R$ 1,6 bilhão, desenvolve sua própria Inteligência Artificial para ganhar eficiência e reduzir custos na operação

Hugo CILO

RECEITA TECNOLÓGICA
Leonardo Fausto Zipf, presidente da Duas Rodas, investe em inovação, que garante 23% do faturamento da companhia

Desde 2017, a empresa catarinense Duas Rodas (não se engane pelo nome, não é empresa de moto ou bicicleta), líder no mercado de aromas, extratos e ingredientes para indústria alimentícia, dividiu as atenções entre as linhas de produção e o departamento de TI. Isso porque a companhia desenvolveu sua própria Inteligência Artificial, batizada de Drica (Duas Rodas Inteligência Cognitiva), e colocou para rodar um complexo conjunto de algoritmos para reduzir custos e melhorar a eficiência operacional. Deu certo, segundo o presidente, Leonardo Fausto Zipf. "Investimos fortemente em inovação e, com isso, conseguimos expandir nossa atuação de acordo com as necessidades dos nossos clientes", disse o empresário. "Hoje, 23% do nosso faturamento vem dos produtos de inovação", afirmou.

Com a Drica, a Duas Rodas já conseguiu diminuir em mais de 10% seus estoques. Como a empresa armazena 2,5 mil toneladas de produtos, em média, o equivalente a R$ 350 milhões, a IA já garante redução de R$ 35 milhões a R$ 40 milhões por mês. Da porta para fora, a empresa aumentou em 38% as vendas em 2023, na comparação com 2022. O carro-chefe é essência para sorvete, que responde por 50% do faturamento de R$ 1,6 bilhão — alta de 15% sobre 2022. A outra metade é dividida entre setor de alimentos, bebidas e frigoríficos.

Cabeça do projeto de IA, o executivo Lucimar Coelho, diretor de operações industriais, revela que grande parte das metas definidas para 2027 já foram alcançadas. "Com a Inteligência Artificial, já sabemos com antecipação qual será o volume de vendas em períodos de chuva, quais os sabores de maior demanda e onde haverá queda no consumo", afirmou Coelho. "Ou seja, a Drica não veio para tirar empregos, mas para melhorar a eficiência e dignificar o trabalho."

O plano de investimentos em inovação e tecnologia, com orçamento de R$ 22 milhões neste ano (5% da receita), permitiu à empresa aumentar a capacidade disponível em algumas linhas, como a de spray dryer (que transforma ingredientes líquidos ou pastosos em pó), em até 30%. A expectativa, segundo Coelho, é de que dentro de um ano a

 FOTOS: CLAUDIO GATTI | DIVULGAÇÃO

GESTÃO EFICIENTE Monitoramento em tempo real e sequenciamento inteligente da produção têm evitado desperdícios e controlado de maneira mais precisa o estoque

Drica aponte exatamente o que deve ser produzdo e oriente todo processo, desde a compra da matéria-prima até a expedição. Além da Drica, o uso de IA está presente em todas as etapas e áreas da companhia. Começa na identificação de tendências, criação de sabores e novos ingredientes, passa pela compra de insumos, pelos controles dos processos produtivos e expedição dos pedidos, até a entrega aos clientes.

TEMPO REAL Na área operacional, a principal ferramenta é a Torre de Controle. Criada a partir de uma base pela equipe de engenharia e TI da Duas Rodas, a plataforma utiliza IA para melhorar o processo de manufatura, com abrangência desde a área de supply chain até a saída do produto na fábrica e, depois, chegada ao cliente. Projetos simultâneos e conectados na cadeia produtiva permitem o monitoramento das operações em tempo real, o sequenciamento inteligente da produção e a digitalização de todo o processo. O monitoramento da produção em tempo real é feito por meio do “sinótipo” — ferramenta inédita no mercado —, criada pela Duas Rodas, que tem reduzido interrupções e atrasos na produção.

Já o sequenciamento inteligente da produção tem evitado desperdícios. Além de um controle mais preciso do estoque, que define o que e quando comprar, a ferramenta consegue orientar a área operacional sobre qual produto fabricar sem necessidade de grandes interrupções para limpezas do maquinário, no caso de ingredientes listados como alergênicos ou produtos kosher (para judeus) ou halal (produzidos segundo os preceitos mulçumanos).

Para 2027, o objetivo é que líderes de áreas sejam os administradores da plataforma. Assim, eles terão uma visão exata de qual etapa da manufatura está o produto e poderão, inclusive, interferir na produção. Com isso, a empresa quer atingir a excelência operacional na entrega. Um dos indicadores que mede a satisfação do cliente nesse ponto é o *On-Time In-Full*, ou *Otif* — mostra se a entrega ocorreu dentro do prazo e em perfeitas condições, conforme a expectativa do cliente. Hoje, o *Otif* da Duas Rodas é de 85%. O objetivo é chegar a 95% em um ano. Tudo para manter a roda girando.

A ESCOLA DE LÍDERES DA J&F

Companhia dona da JBS investe R$ 521 milhões em programa educacional para garantir a formação a estudantes do 6º ano até o ensino médio. Próxima meta é abrir ensino superior

Sérgio VIEIRA

Não é apenas pelo nome que o jovem Kebhec Souza chama a atenção em sua trajetória. Com apenas 17 anos, ele lidera a operação de uma loja da Swift na Zona Oeste de São Paulo. É um dos 27 gerentes das unidades que integram o programa Lojas Educadoras. A iniciativa é uma das verticais de atuação do Instituto J&F, braço educacional da gigante global, dona da JBS.

Desde que o modelo foi implementado, em 2009, a companhia já investiu R$ 521 milhões no futuro de adolescentes. Somente no ano passado foram aportados R$ 111 milhões. "É um desenvolvimento totalmente diferenciado para esses jovens. Não conheço uma empresa que faça esse trabalho de educar pessoas para serem líderes e tocadores de negócios", disse à DINHEIRO o espanhol Vicente Trius, CEO global da Swift. Segundo o executivo, até o fim de 2025 serão 60 lojas da marca envolvidas no

FOTOS: SILVIA ZAMBONI

JOVENS E NO COMANDO
Brenda Coicev e Kebhec Souza estão entre os alunos do Germinare Business que são gerentes de lojas da Switf em São Paulo. Hoje, 27 unidades de varejo da marca são dirigidas por jovens

modelo educacional, gerenciadas por alunos do instituto.

O centro de educação de negócios da J&F é formado por quatro escolas, que funcionam em São Paulo: a Germinare Business (voltada a alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º do ensino médio, garantindo educação básica e ensino profissionalizante); Germinare Tech (escola de desenvolvedores de sistemas); Germinare Vet (voltada a alunos do ensino médio na área de produção); e Germinare Família (programa de práticas reflexivas envolvendo os familiares dos estudantes). O instituto já estuda a implementação do ensino superior.

E é no modelo business, por meio de aulas ligadas às práticas de varejo, que eles chegam ao programa Lojas Educadoras. Cuidam de absolutamente tudo. As constantes avaliações dos resultados das lojas gerenciadas pelos estudantes têm a participação de Wesley e Joesley Batista, fundadores da companhia. Possuem, em sua maioria, performance superior às demais unidades da Swift no Brasil. Hoje a marca conta com 240 unidades. “Com atitude de dono, depois de um período de treinamento e de formação de capacidade, eles têm a oportunidade de liderar as lojas com autonomia e flexibilidade”, afirmou Trius. “É possível formar jovens para lidar com os negócios.”

Kebhec Souza está na loja Villa Lobos há um ano e três meses, e hoje comanda 12 funcionários da Swift. “Assumi a loja com 16 anos e tem sido uma ótima experiência. Tenho um time para liderar, processos internos para responder e resultados para alavancar”, disse. “Amadureci muito desde que cheguei. E a evolução da equipe foi enorme nesse período.” Para Cesar Farina, vendedor de 44 anos, ter um chefe jovem é um fator positivo. “O trabalho do Kebhec é muito eficiente. O fato de ser novo é bom, já que ele traz muitas ideias e engaja os funcionários.”

Brenda Coicev, de 17 anos, também é uma das gerentes da Swift e trilha o mesmo caminho que o colega de turma. Ela é aluna do Germinare Business desde o 6º ano. “Fui gerente por um ano em outra unidade na Zona Sul e agora vim para a Zona Oeste. Tenho 10 pessoas na minha hierarquia e entendo que tenho crescido muito nesse período.”

Mesmo após se formarem no Germinare, os jovens podem seguir na companhia e permanecer no comando das lojas ou seguir para outros desafios na empresa, como por exemplo ser gerente distrital, e se tornar responsável pelo controle de um número determinado de unidades. É a oportunidade de meninos e meninas entenderem também o tamanho da responsabilidade das atividades que estão exercendo. Nos últimos três anos, 84% dos alunos formados estão no mercado de trabalho com carteira assinada, e 81% tiveram crescimento na renda familiar.

O centro de educação do Instituto J&F já garantiu a formação de 197 alunos nas turmas formadas. Atualmente são 1.067 estudantes ativos. Toda a trilha educacional é gratuita. Na estratificação, 31,5% são pardos, negros e amarelos; 38% são oriundos de escola pública e 48,5% são do sexo feminino.

“NÃO CONHEÇO UMA EMPRESA QUE FAÇA ESSE TRABALHO DE EDUCAR PESSOAS PARA SEREM TOCADORES DE NEGÓCIOS. TENHO ORGULHO DO PROJETO”

VICENTE TRIUS,
CEO GLOBAL DA SWIFT

Para Vicente Trius, não é nada impossível que um desses jovens possa no futuro sentar, inclusive, na cadeira que ele ocupa na corporação. “Deveria ser assim. Com toda a formação que eles têm, a chance é grande. Tenho muito orgulho desse projeto. É uma vantagem competitiva.” A oportunidade de crescimento está posta. S

INÊS249

OBJETOS NO ESPAÇO SIDERAL

Existem em órbita atualmente 11.395 satélites registrados pelo Gabinete das Nações Unidas para os Assuntos do Espaço Exterior (Unoosa). O primeiro deles foi lançado em 1957 pela União Soviética, o Sputnik 1. No ano seguinte, os Estados Unidos inauguraram seu projeto espacial com o Explorer 1. Suas principais funções são fornecimento de imagens de alta resolução para instituições públicas e privadas, sistemas de processamento de imagens e para pesquisa e desenvolvimento e aplicações práticas para clima e comunicações. Veja a quantidade lançada nos últimos dez anos e quais os países com mais equipamentos ativos hoje:

INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS QUE CONVERSAM ENTRE SI? TEMOS!

Equipe da Universidade de Genebra (Unige) conseguiu modelar uma rede neural artificial capaz de ter capacidade cognitiva. A IA foi capaz de fornecer uma descrição linguística para uma "irmã", que as executou. O fato foi comemorado pela equipe envolvida no estudo. Foram construídos dois 'cérebros' com neurônios artificiais, treinado para compreender a linguagem. Foi conectado a outra rede mais simples. Com o processo realizado em laptops convencionais, instruções escritas em inglês foram então transmitidas à IA — apontar para o local (esquerdo ou direito) onde um estímulo é percebido e responder na direção oposta de um estímulo. "Uma vez aprendidas essas tarefas, a rede foi capaz de descrevê-las para uma segunda rede — uma cópia da primeira — para que pudesse reproduzi-las", disse Alexandre Pouget, professor do Departamento de Neurociências Básicas da Faculdade de Medicina da Unige, que liderou a pesquisa.

MICROSOFT TESTA **ANÚNCIOS NO WINDOWS 11**

Um dos principais produtos da Microsoft, o Windows 11 está sendo testado para receber anúncios no menu Iniciar. A mudança já está sendo implementada para usuários em seu Canal Beta nos Estados Unidos. As publicidades promoverão aplicativos disponíveis na gigante de tecnologia e aparecerão na seção "Recomendado" do menu Iniciar. A função está habilitada como padrão, mas os usuários têm a opção de desativá-los por meio do menu de configurações. Esse feedback será utilizado pela companhia para balizar a decisão de seguir ou não com a novidade para futuras versões oficiais do Windows 11. A empresa já experimentou anúncios em seu sistema operacional em outras ocasiões, mas refugou da ideia justamente pelos comentários desfavoráveis. A inclusão desse recurso está mais madura agora? É esperar para ver!

STUART RUSSELL, PROFESSOR DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO DA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA, EM BERKELEY, À *FOLHA DE S.PAULO*. ELE AFIRMA QUE ESTÃO SENDO CONSTRUÍDOS SISTEMAS CADA VEZ MAIS PODEROSOS, SEM CONTROLE E QUE NÃO SÃO COMPREENDIDOS

País	Total
Estados Unidos	7.201
Rússia	1.620
Reino Unido	743
China	647
Japão	205
França	151
Índia	98
Canadá	78
Alemanha	72
Luxemburgo	61
Coreia do Sul	52
Bélgica	38
Brasil	36

Ano	Total
2014	139
2015	119
2016	106
2017	158
2018	265
2019	224
2020	961
2021	1.506
2022	2.127
2023	2.323
2024	3

"NADA IMPEDE A CRIAÇÃO DE IA QUE DESTRUIRÁ O MUNDO"

AIRCHAT: A MAIS NOVA MODA DO VALE DO SILÍCIO

Lembra do ClubHouse? Aquela rede social de áudios que bombou e depois flopou, lembra? Então... Ela está de volta! Ou quase isso. A plataforma Airchat é a nova vedete do Vale do Silício. É bem parecida com o ClubHouse. Airchat combina o aspecto de feed do X com o formato de áudio do Clubhouse. Na time line, ao invés de texto, o usuário manda áudios. Tem a opção de vídeo, mas tem sido pouco usada. Uma versão nova do aplicativo foi lançada há poucos dias, somente para convidados (qualquer semelhança com o ClubHouse é mera coincidência — ou não). O cofundador do Airchat, Naval Ravikant, fechou novas inscrições em sua plataforma, que ficou sobrecarregada pela grande procura. "Tivemos um fluxo de novos usuários, então estamos desativando o recurso de convite por um tempo", disse Ravikant, no domingo (14). Vai dar certo? O ClubHouse não deu.

ASSISTENTE VIRTUAL DO TURISMO

A Secretaria de Estado do Turismo e Viagens de São Paulo lançou na segunda-feira (15), na WTM Latin American 2024, a maior feira internacional do setor, a primeira assistente virtual. Com recursos de áudio, texto e vídeo, a assistente estabelece conexões entre o conteúdo e o perfil do visitante. Oferece informações sobre as 47 regiões turísticas paulistas e centenas de atrativos, em português, inglês, espanhol, francês, alemão e italiano. "Inaugura uma nova etapa no turismo de São Paulo, ampliando a experiência do turista. Com ela, é possível interagir e descobrir novos destinos", afirmou o secretário da Pasta, Roberto de Lucena. A inteligência artificial é uma parceria da Setur-SP com o São Paulo Convention & Visitors Bureau e a empresa de tecnologia RCB.

REVOLUÇÃO BANCÁRIA

Buildtechs que trabalharam para digitalizar o mercado de serviços financeiros querem aproveitar a expertise acumulada no Brasil para ampliar atuação nos países vizinhos

ESPALHAR A PALAVRA

CEO da Dock, Antônio Soares visa disseminar o conceito de democratização financeira para os mercados vizinhos, onde vê um grande potencial de crescimento

Pouco tempo atrás, o mercado de produtos bancários era restrito a pouquíssimas opções. Pedir um cartão de crédito, abrir uma conta corrente, tomar empréstimos e fazer um financiamento eram situações por vezes constrangedoras e limitadas a meia-dúzia de bancos tradicionais que controlavam o mercado. O setor começou a mudar há cerca de dez anos com a chegada dos bancos digitais, que conquistaram espaço oferecendo facilidades — como fazer tudo pelo aplicativo — e por não cobrar taxas de manutenção ou anuidades. Na esteira dos bancos digitais vieram dezenas de fintechs com créditos e suas soluções que democratizaram a oferta de serviços financeiros. Agora é a vez das buildtechs, startups que oferecem tecnologia financeira, muito além de serviços bancários. Criam oportunidades para que empresas comuns possam atuar como bancos, sem precisar de grandes investimentos em tecnologia e infraestrutura, além de passarem longe da regulação.

Diante dessas facilidades, uma companhia de qualquer segmento pode fornecer suas próprias contas correntes ou cartões de crédito com seu nome, recorrendo apenas a esses provedores de infraestrutura, que fornecem tecnologia e as licenças regulatórias legais para tirar o projeto do papel. Essa revolução, que ocorreu no País no decorrer da última década, agora quer tomar a América Latina. E está sendo liderada pelas startups que abriram o caminho no Brasil. A brasileira Dock, plataforma tecnológica para meios de pagamentos, já atua em oito países. Entre seus clientes estão o banco Neon, PagSeguro, PayPal, Lojas Pernambucanas, C&A, Coca-Cola e XP Investimentos. Por meio da estrutura que oferece, a Dock administra mais de 70 milhões de contas e transaciona 7 bilhões de operações anualmente.

A visão de democratização financeira é comandada pelo CEO Antônio Soares, que observa na América Latina seu mercado de maior potencial. "Temos crescido 40% ao ano", afirmou. De acordo com ele, a região pode se tornar uma potência econômica global ao ampliar acesso a crédito, informação e educação financeira à população. "Com os avanços do setor no Brasil, a experiência adquirida está sendo utilizada para acelerar o processo de descentralização dos serviços financeiros nos países latino-americanos", disse. Para Soares, todo esse processo se iniciou com o avanço das linguagens de computação, a descentralização dos mainframes para plataforma baixa, sendo possível criar os mesmos sistemas que somente os grandes bancos

40% ANUAIS É A TAXA DE CRESCIMENTO DA DOCK NOS ÚLTIMOS ANOS

200% FOI A EXPANSÃO DA POMELO EM 2023 APÓS AVANÇAR NA AMÉRICA LATINA

660 milhões DE PESSOAS É A POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, UM MERCADO A SER EXPLORADO

ALÉM DO BASICÃO

CEO da Jazz Tech, José Roberto Kracochansky, quer proporcionar jornada completa ao usuário, indo além do feijão com arroz. "Não adianta abrir conta só para fazer pix"

possuíam, e começar a distribuí-los para financeiras de menor porte e outros tipos de empresas. "Ao longo do tempo, percebemos que não só democratizar a tecnologia era importante, mas também o acesso aos serviços financeiros, como as licenças para emitir cartões das empresas como Visa, Mastercard e Elo", afirmou. "Além da autorização do regulador local para oferecer serviços de crédito e pagamento. Foi assim que começamos no Banking as a Service [BaaS]", afirmou o executivo.

Se o cliente não quiser ir ao Banco Central tirar essas licenças e não tiver orçamento para gastar com compliance, backoffice, tecnologia, ele contrata essas startups que oferecem as operações gerenciadas e personalizadas, e negociam com as administradoras de cartão. "Foi assim que a gente começou a criar uma nova categoria, que é o banco atrelado a um negócio específico, negócios embarcados. É o banco da Natura, o banco das empresas de transporte, Banco da Favela G10...", disse o CEO.

PARCERIAS E FACILIDADES A Pomelo, startup provedora de tecnologia para cartões, investiu em características que calibraram as soluções com as principais demandas existentes no ecossistema de cartão de crédito. Por exemplo, o aumento da praticidade com um ambiente de programação acessível a qualquer desenvolvedor, novas tecnologias de segurança embutidas nos cartões, tokenização para carteiras digitais e novas APIs para acelerar as funcionalidades.

Após expandir para Chile, México, Colômbia, Peru e Argentina, a companhia alavancou suas operações e cresceu 200% em 2023, fazendo mais 55 milhões de transações diárias, atraindo como clientes os unicórnios Nomad e a líder europeia PaySafe, que utilizam sua plataforma para atuar na América Latina. Para 2024, planeja destinar 50% dos investimentos no Brasil. Segundo Rafael Goulart, country manager da Pomelo, o mercado tradicional de cartões tem visto a startup como uma parceira técnica para lançar produtos. "Acompanhamos de perto as agendas do Banco Central, como Drex e Open Finance, e temos uma posição no mercado que nos permite auxiliar qualquer tipo de cliente, dos bancos digitais aos tradicionais, pequenos ou grandes", afirmou Goulart.

Também tocando nesse palco de infraestrutura em serviços financeiros, a Jazz Tech não se vê disputando projetos tradicionais de BaaS ou montando bancos digitais para oferecer o simples "feijão com arroz", de conta digital e cartão pré-pago. O foco da companhia está no mercado corporativo, em setores que vão do turismo às telecomunicações, passando por logística e transportes. "Não adianta abrir conta só para ficar fazendo Pix", disse o CEO, José Roberto Kracochansky.

Segundo o executivo, conforme a evolução da Jazz Tech, notou-se que os clientes não precisavam apenas de consumo de aplicativos, mas de toda uma jornada completa, o que fez a empresa pensar no "Produtos as a Service", com soluções e consultorias que ajudam as empresas a se transformar em bancos. A Jazz Tech tem clientes como a Motorola, Move3 e a Sequoia. Essas duas últimas criaram seus próprios bancos, em que pagam os salários dos funcionários, antecipam pagamentos, depositam FGTS, cuidam das franquias e de toda a jornada financeira. Já receberam os serviços prontos, sem precisar investir em toda uma infraestrutura tecnológica e legal. Para a Motorola, a Jazz levou para dentro do telefone da marca o banco inteiro, integrando no sistema operacional do celular à instituição financeira, uma conta corrente completa, que permite depósito, salário, cartão de crédito, conta PJ. "Temos também jornadas ligadas a prestadores de serviços, fornecedores, conta PJ — como uma transportadora que trabalha com vários motoboys. A gente liga tudo isso, toda essa jornada." Jornada de construção de um nova revolução bancária.

 FOTO: DIVULGAÇÃO

PAYPAL: O GIGANTE QUER ACORDAR?

NORBERTO ZAIET
É ECONOMISTA, EX-CEO DO BANCO PINE E FUNDADOR DA PICEA VALUE INVESTORS, EM NOVA YORK

Algumas companhias têm uma posição tão dominante em seus mercados que a gente passa a tratá-las como parte do cotidiano, perdendo um pouco a perspectiva de quão grande se tornaram. A PayPal Holdings (NASDAQ: PYPL) é uma dessas empresas: uma gigante, parte integral do nosso dia a dia e, apesar disso, completamente ignorada por um mercado sempre em busca de crescimento.

A companhia nasceu de uma fusão entre a PayPal original, fundada por Peter Thiel, e uma outra empresa que operava no mesmo segmento chamada X.com, que havia sido criada em 1999 por um certo empreendedor sul-africano que gosta muito dessa letra. Elon Musk queria criar um banco digital completo, uma mistura do que conhecemos hoje como on-line banking, mas com certos requintes do que viria a ser o embasamento para as criptomoedas. Segundo Walter Isaacson, que o biografou, "Musk considerava que as transações monetárias eram simplesmente uma linha em uma base de dados, e ele queria inventar uma maneira pela qual todas as transações fossem registradas de maneira segura e em tempo real".

> "Cerca de 25% de todo o e-commerce mundial passa pela plataforma. Sua penetração no comércio eletrônico norte-americano é bem maior que as fatias de Apple Pay e Google Pay"

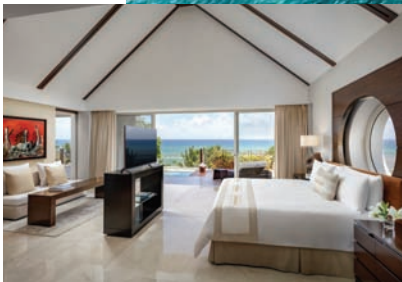
Não chegou lá — ainda, afinal o Twitter não passou a se chamar X por mera coincidência —, mas o conceito de registrar transações de pagamento eletrônico floresceu. Logo depois do seu IPO, em 2002, a empresa foi comprada pelo eBay. Anos mais tarde foi segregada, voltando a negociar em bolsa como uma companhia independente.

O fato é que hoje, cerca de 25% de todo o e-commerce mundial passa pela sua plataforma. Sua penetração no comércio eletrônico norte-americano é de 80%, bem maior que as fatias de 36% do Apple Pay e 32% do Google Pay. Essa posição de dominância não se aplica apenas ao mercado americano: o PayPal tem penetração de 80% ou mais no Brasil, Alemanha, México, Itália, Espanha, França, Áustria, Canadá, Inglaterra e Austrália. Mesmo no offline sua posição é relevante: entre 40% e 50% de penetração na maioria desses países.

Mais de 30 milhões de estabelecimentos comerciais, pequenos e grandes, fazem parte da sua rede, além de mais de 400 milhões de consumidores. A Venmo, que está no seu ecossistema, possui mais de 90 milhões de usuários. Não resta dúvida da sua posição de liderança no hemisfério ocidental.

A pandemia foi um grande motor de crescimento. O valor total de pagamentos processados por meio da plataforma chegou a crescer mais de 40% no comparativo ano a ano, durante 2020 e 2021. A competição surgiu mais forte, atacando o mercado de maneira efetiva e, com o retorno a normalidade, a companhia estagnou. Seu valuation hoje reflete o de uma empresa que se perdeu na sua própria grandeza — apesar de geradora de caixa e de ainda manter posição de dominância, negocia a um múltiplo de 12 vezes o lucro projetado.

Investir em PayPal nesses preços significa acreditar que a nova gestão será bem-sucedida em reduzir as fricções na utilização de plataforma, tanto para os comerciantes quanto para o consumidor, e produzir crescimento rentável.

Além disso, ela tem um banco de dados extremamente valioso. O PayPal sabe quem comprou o que, de quem, quando, e com qual frequência. Atualmente essa base está ali, sem uso, mas com um potencial enorme de geração de valor, especialmente no contexto dessa onda de IA pela qual estamos passando. Arriscaria a dizer que uma empresa com esse banco de dados e essa rede interligada é uma oportunidade extremamente barata para uma big tech que esteja atenta. Vale a pena acompanhar.

BEM-ESTAR TOTAL NAS PROPRIEDADES DA PREFERRED HOTELS & RESORTS NO MÉXICO

Três destinos, um mesmo propósito: oferecer bem-estar holístico aos hóspedes. É isso que a programação Wellnessing Getaway 2024 oferecerá de 6 a 9 de junho no Grand Velas Boutique Los Cabos, Grand Velas Riviera Maya e Grand Velas Riviera Nayarit, todos membros da Coleção Legend, da rede Preferred Hotels & Resorts no México. Entre as atividades de Los Cabos, o treinador de celebridades Giorgio Merlino, fundador e treinador na ALO Wellness em Los Angeles, compartilhará seu método de treinamento híbrido, que combina várias disciplinas de fitness. De Miami, Lucy Nelles levará para o resort all-inclusive da Riviera Maya suas práticas de ioga que promovem vitalidade física e mental. Já na propriedade de Nayarit, um workshop de "Poções para Dormir", com infusões de ervas, ficará a cargo de Olivia Medina, mestra mexicana de chá. Os hotéis também oferecerão workshops para cada hóspede criar seu próprio filtro de sonhos, ciclismo ao ar livre e banho frio. Enfim, atividades holísticas para quem já cansou de voltar das férias com quilos a mais. Informações e reservas: www.IPrefer.com/enroll.

IMÓVEL NO EXTERIOR

RESIDENCIAL **ONE PARK TOWER** TERÁ HOSPITAL E ESCOLA NA FLÓRIDA

Projeto da Turnberry Development estrategicamente posicionado entre as cidades de Miami e Fort Lauderdale, o ONE Park Tower está em construção nas proximidades das badaladas Bay Harbor Islands e Sunny Isles Beach. Faz parte do SoLé Mia, uma comunidade planejada que transcende o convencional ao propor um conceito não apenas de lar, mas uma verdadeira "cidade dentro da cidade". Haverá hospital, mercados e escola dentro da própria comunidade. Para Daniel Ickowicz, diretor de vendas da Elite International Realty, o lançamento atende a um novo perfil de compradores. "Pessoas que anseiam por um refúgio acolhedor que equilibre a tranquilidade e a variedade de serviços que a Flórida tem para oferecer", afirmou.

MOTO ELÉTRICA

MOTOR POTENTE E DESIGN ARROJADO PARA **JOVENS PILOTOS DE OFF-ROAD**

A CFMoto Brasil, fabricante de veículos off-road com presença em mais de 100 países, acaba de lançar mais dois modelos exclusivos de motocicletas elétricas: a CX-2E e a CX-5E, minimotos para jovens pilotos. “Além de garantir o mesmo potencial de uma moto convencional, elas não consomem combustível, o que é fantástico”, afirmou o sócio-diretor da CFMoto Brasil, Gabriel Tonin Maschietto. Por dispensarem engrenagens e componentes que exigem geração de calor, os modelos geram um torque máximo, respondendo imediatamente ao acelerador. E não fazem ruído. No painel de ambas é possível visualizar a vida útil da bateria, a carga restante e a velocidade máxima. Para quem está iniciando nas duas rodas, uma trava de velocidade pode ser colocada, limitando o percurso em no máximo 15 km/h. Mais informações no site cfmoto.com.br.

BEBIDA

UM CAFÉ INSPIRADO EM **OSCAR NIEMEYER**

Foi para a Fazenda Rainha, em São Sebastião da Grama (SP), propriedade da Orfeu Cafés Especiais, que Oscar Niemeyer projetou uma de suas últimas construções: a Capela Santa Clara, presente oferecido pelo arquiteto aos funcionários que desejavam um lugar para rezar. A obra se tornou inspiração para o microlote especial de 2024 da Orfeu. Edição limitada feita a partir de um blend dos grãos Bourbon Amarelo e Arara produzidos em talhões próximos à Capela Santa Clara, a linha chega nas versões Grãos, Torrado e Moído, Drip Coffee e Cápsulas compatíveis com máquinas Nespresso®. No paladar, notas de abacaxi, amendoim e doce de leite. À venda no e-commerce da marca e em empórios de varejo premium por todo o País.

ALTA RELOJOARIA

BVLGARI POR **TADAO ANDO** E CARTIER EM HOMENAGEM A **SANTOS DUMONT**

Encerrada na segunda-feira (15), a edição 2024 da maior feira de relógios do mundo, a Watches & Wonders Geneva, na Suíça, apresentou a essência do melhor da relojoaria atual. Entre as centenas de modelos apresentados pela primeira vez ao público, dois lançamentos merecem destaque: o Bvlgari Serpenti Tubogas, recriado pelo arquiteto japonês Tadao Ando a partir de um ícone da maison desde a década de 1940; e o Cartier Santos, que celebra a longeva parceria da grife francesa com o brasileiro que inventou o avião, Alberto Santos Dumont. A elegância do modelo Santos se dá pela geometria de suas linhas retas — quase oposto do conceito orgânico que define o desing do Bvlgari Serpenti. Os preços não foram divulgados.

INCONFUNDÍVEL Com 300 modelos que combinam 80 funções, o canivete está exposto em museus como o MoMa de Nova York e a Design Society de Shenzhen, na China

VICTORINOX: ÍCONE GLOBAL E DIVERSIFICAÇÃO

Além do canivete Swiss Army, com mais de 550 milhões de unidades vendidas, empresa familiar completa 140 anos com novidades também em relógios, malas e perfumes

Celso MASSON, da Suíça

Situada às margens do Lago Lucerna, no coração da Suíça, a pequena cidade de Brunnen é um idílico destino de turismo cercado de montanhas, fontes de água mineral e lojinhas que vendem suvenires locais, como gorros, ímãs de geladeira, licores e chocolates. Um item, contudo, não pode faltar na bagagem de quem visita a região: um autêntico canivete do Exército Suíço. Na loja da fabricante Victorinox, cujo fundador patenteou o produto há 135 anos, é possível não apenas comprar um canivete como montá-lo de maneira personalizada, seguindo o mesmo método de seu inventor, Carl Elsener.

A experiência é aberta a qualquer visitante. Os preços variam em torno de 49 francos suíços, dependendo do modelo, do tamanho, da quantidade de funções e do material escolhido para o acabamento, que pode ser plástico ou madeira. Pelo câmbio oficial, a moeda valia R$ 5,74 na quarta-feira (17). No Brasil, os preços variam de R$ 281 a R$ 521 no e-commerce da Victorinox — sem nenhum tipo de costumização.

Permitir que cada cliente monte seu próprio canivete é uma das inovações da companhia para aproximar ainda mais sua famosa marca das necessidades do consumidor. Esse desafio tem sido a principal missão do atual CEO, Carl Elsener, bisneto do fundador. "Sou muito orgulhoso do fato de nossa família ter criado, em uma pequena vila da Suíça, um produto que se tornou um ícone global", afirmou Elsener à DINHEIRO durante entrevista na sede da companhia, em Ibach. "É uma honra e também uma responsabilidade manter esse legado. Mas é igualmente importante manter os nossos 2,2 mil funcionários apaixonados pelo que fazem."

Manter empregos, por sinal, foi o que motivou seu bisavô a abrir o negócio, em 1884. Àquela época, a Suíça passava por uma crise econômica, obrigando muita gente do interior a abandonar suas cidades e tentar a sorte em outros países. A solução encontrada por Elsener para evitar o êxodo na comunidade em que vivia foi fundar uma cutelaria, empregando quantas pessoas conseguisse na produção de facas.

Deu certo e a empresa foi crescendo organicamente por mais de um século. Desde que se tornou fornecedor oficial do Exército Suíço, em 1891, a Victorinox já vendeu mais de 550 milhões de canivetes. Ainda hoje, o item responde por 36% do faturamento global da empresa, que foi de 424 milhões de fracos suíços em 2023. A cada dia, 45 mil canivetes saem da fábrica em Ibach. Outros 34% da receita provêm de facas, tanto para uso doméstico quanto profissional. Juntas, as duas categorias somam 90 mil unidades produzidas diariamente. Ainda compõem as receitas a divisão travel gear, de mochilas, bolsas e malas de viagem (cerca de 20%, incluindo uma pequena participação da linha de perfumes) e os relógios (10%, divididos entre as marcas Victorinox e Wenger, adquirida em 2005). Hoje, com 12 subsidiárias e vendas para 120 países, a empresa se orgulha de manter inabaláveis seus quatro pilares: "Nossa gente, nossos clientes, nossos produtos e nossa marca", afirmou Elsener.

A marca, por sinal, tem raiz familiar. Foi criada pela fusão do nome Victoria (mãe do fundador) com a palavra inox, tipo de aço que acabara de ser aplicado em escala industrial na Suíça. O emblema usado até hoje, que sobrepõe a bandeira da Suíça (cruz branca sobre fundo verme-

DOMÉSTICO E PROFISSIONAL
A produção de facas e utensílios de cozinha chega a 90 mil unidades por dia na fábrica de Ibah e responde por 34% das receitas globais da companhia

ESPORTE E PASSEIO
Resistentes a profundidades de até 300 metros, os relógios Drive Pro se tornaram apreciados entre mergulhadores. Além das linhas esportivas, há modelos de design mais clássico, como os da Journey 1884, referência ao ano de fundação da empresa, à venda por R$ 8.747,00

ESTILO

lho) a um escudo, é o mesmo desde 1909. Além do Exército Suíço, os de outros nove países utilizam canivetes Victorinox. O fornecimento para instituições militares corresponde a apenas 3% da receita global da empresa. Mas o retorno em termos de marketing gerado pelo uso em missões oficiais no mundo todo é incalculável. Basta lembrar a mídia espontânea gerada pelo astronauta canadense Chris Hadfield, famoso pelos vídeos que publicava nas redes sociais a partir de sua experiência a bordo da Estação Espacial Internacional. Em sua autobiografia, intitulada *An astronaut guide to life on earth*, Hadfield afirmou: "Nunca saia do planeta Terra sem um canivete suíço".

Alguns modelos chegam a ter mais de 30 funções, incluindo pen drive com 32 gigabytes de memória. E a fabricante tem uma linha especial de customização para empresas que desejam dar um canivete de brinde usando a própria logomarca. "Eles são produzidos de forma quase artesanal uma equipe destacada", afirmou a gerente sênior de visitação da fábrica em Ibach, Marika Farkas. Trata-se de um brinde funcional, como atestou o astronauta Hadfield, e também com design atemporal. A ponto de ser exposto em museus importantes como o MoMA, de Nova York, ou na Design Society de Shenzhen, na China, onde um Swiss Champ XAVT é exibido ao público desde 2018. Para colecionadores, todos os anos são lançados novos modelos, em edições limitadas.

O movimento de diversificação do portfólio teve início em 1989, com a produção de relógios. Apesar de a Suíça não usinar aço, que é todo importado de outros países, a empresa entendeu que tanto essa matéria-prima, à qual já tinha acesso em grande escala dado o volume adquirido para fabricar canivetes e facas, quanto a expertise em trabalhar o material poderiam ser aproveitados em outras categorias de produto.

RELÓGIOS E MOCHILAS Italiana que já trabalhou na suíça Swatch, Ariana Frésard é a atual head da categoria de relógios na Victorinox. Ela comanda cerca de 160 funcionários que trabalham na unidade da empresa em Delémont, capital do cantão de Jura, próxima à fronteira com a França. "Nós encaramos a fabricação de relógios como um passo natural da Victorinox e não como uma extensão de marca", afirmou Frésard. Isso porque a tradição secular de qualidade no manuseio do aço deu à companhia a expertise necessária para criar caixas e pulseiras de alta resistência. Não por acaso, os modelos da linha Drive Pro são certificados para mergulhos em profundidades de até 300 metros. "Além da resistência à pressão, eles possuem um sistema antimagnetismo que impede qualquer alteração na marcação do cronômetro, garantindo a segurança dos mergulhadores."

Para a empresa, que fornece garantia de cinco anos para os relógios Vixtorinox (no caso da Wenger, concorrente adquirida em 2005, são apenas três), a resistência é um ponto de honra. Tanto assim que há na fábrica uma 'sala de tortura', em que os relógios são submetidos às mais variadas provas. Marteladas, esmagamentos, mergulho em ácidos e até em máquinas de lavar roupa e louça são algumas das etapas de testes a que os produtos são submetidos antes de liberados para venda. Na mais recente campanha de publicidade da marca nas redes sociais, um alpinis-

PERFUMES
A entrada no segmento se deu após a aquisição da concorrente Wenger e hoje há fragrâncias masculinas e femininas das marcas Victorinox e Swiss Army

 | FOTOS: DIVULGAÇÃO

ta é içado de helicóptero usando um relógio como gancho de sustentação de seu peso. A pulseira ficou firme. No mercado local, os preços dos relógios Victorinox partem de 695 francos suíços e chegam a 1.545, caso de um modelo de titanium em edição limitada de apenas 1 mil peças por ano. Até setembro deste ano, a empresa irá ampliar a linha feminina, que atualmente tem poucos modelos. "Nós não queríamos fazer para mulheres um relógio feminino em tamanho menor", disse Frésard. "O que fizemos foi utilizar o design para expressar o DNA da marca com apelo para esse público. Olhamos para o que as clientes buscam e que a indústria não está oferecendo."

Complementando o portfólio, a linha travel gear, lançada pela Victorinox em 1999, é composta por malas de viagem, bolsas e mochilas fabricadas em cinco países da Ásia. Desde 2005, quando adquiriu a concorrente Wenger, a empresa possui também uma linha de perfumes com as marcas Victorinox e Swiss Army

Faz sentido. Afinal, por mais icônico que seja um canivete, ele não pertence às categorias de produtos com grande apelo para presentear uma mulher. Relógios, bolsas e perfumes, com certeza. E assim, somando públicos dos dois gêneros, a empresa pretende seguir crescendo sem abrir mão de sua história e dos itens que a tornaram referência mundial. S

PARA VIAGEM
Fabricadas em cinco países da Ásia, as malas, mochilas e bolsas que levam as assinaturas das marcas Wenger e Victorinox vêm ganhando mais atenção da empresa e já representam 20% da receita total

ENTREVISTA
Carl Elsener, CEO da Victorinox

FORNECER PRODUTOS COM QUALIDADE, FUNCIONALIDADE E CONFIABILIDADE DÁ ÀS NOSSAS VIDAS UM SIGNIFICADO MAIS PROFUNDO

Quando a Victorinox percebeu que era preciso diversificar o portfólio?
Foi quando nosso principal produto, o canivete adotado pelo Exército Suíço e por mais nove Forças Armadas no mundo, passou a ser copiado por fabricantes asiáticos. Era final da década de 1980 e eu e meu pai entendemos que nosso futuro dependia de fortalecer nossa marca. Ao mesmo tempo em que pensávamos em como fazer isso, fomos procurados por grandes parceiros comerciais. Juntos, começamos a estudar em quais categorias de produtos seria possível colocar a confiança depositada na marca Victorinox. Entendemos que o segmento de relógios se ajustava ao nosso DNA, por sermos suíços, usarmos a bandeira suíça em nossa marca. Em 1989 lançamos os primeiros relógios e ficamos bastante surpresos com o sucesso.

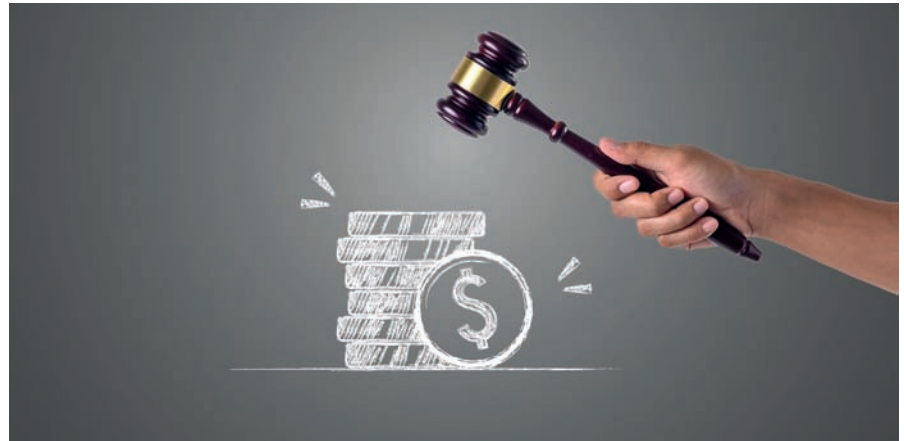
É possível seguir inovando em um produto tão tradicional quanto o canivete?
Nós ouvimos muito nossos clientes e fazemos o possível para incorporar novas soluções. Uma delas foi introduzir pen drives, com entrada USB e USB-C, que hoje equipam alguns modelos. É uma maneira de colocar o canivete na era digital, embora ele tenha muitas outras funções para facilitar o dia a dia dos consumidores. Também fizemos uma parceria com a Nespresso para o alumínio das cápsulas de café e reaproveitar em nossos produtos.

A aquisição da Wenger foi em 2005. Existe outra em vista?
Compramos a Wenger, que era nossa concorrente, fundada em 1893, porque ela estava à beira da falência. Foi uma oportunidade de negócio e também de manter viva uma marca suíça, além de preservar muitos empregos. Na nossa visão, mais importante que uma fusão ou aquisição é manter a nossa companhia sólida. Por isso, desde 2000, criamos as Victonox Foundation, que destina recursos para caridade mas que também mantém um fundo financeiro que possa servir de garantia em momentos difíceis, como foram o 11 de setembro e a pandemia. Nosso objetivo é fornecer aos nossos consumidores a qualidade, a funcionalidade e a confiabilidade que se espera de nossos produtos. Isso dá às nossas vidas um significado mais profundo. Como disse o Chris Hadfield: "Nunca deixe o planeta Terra sem um canivete Swiss Army".

JUSTIÇA

CVM APLICA R$ 830 MILHÕES EM MULTAS

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), responsável por mediar conflitos e promover investigações no mercado de capitais, aplicou R$ 830 milhões em multas em 2023, aumento de 1,15% na comparação anual. Ao todo foram 186 processos finalizados. Também houve avanço na quantidade de julgamentos realizados e de propostas de Termo de Compromisso analisadas pela autarquia. Ao longo de 2023, foram realizados 72 julgamentos de processos administrativos sancionadores (PAS), maior quantitativo desde 2019, representando um aumento de quase 45% em relação ao total de 2022.

Acerca das propostas de Termo de Compromisso apreciadas pelo colegiado da CVM, houve um crescimento de 25% em relação ao último levantamento, de 2022. De acordo com o relatório, em 2023, foram 93 propostas, das quais 46 foram aprovadas, envolvendo 70 proponentes, cujos montantes financeiros chegaram a R$ 43,7 milhões no ano. Outro destaque no relatório foi a redução do estoque de processos a serem julgados. Segundo a CVM, no final de 2023, o número de processos administrativos sancionadores com Diretor Relator definido chegou a 114, representando redução de quase 21% em relação ao estoque final de 2022. Durante 2023, a CVM enviou também 407 Ofícios de Alerta (104 somente no 4º trimestre) e publicou 11 stop orders (que são alertas ao mercado indicando atuação irregular).

INDICADORES ECONÔMICOS

PIB CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	4º TRI/23	3º TRI/23	2º TRI/23	1º TRI/23	2023
PIB (DESSAZ.)	0,0%	0,0%	0,8%	1,3%	2,9%
PIB EM US$ BILHÕES *	2.173,2	2.103,7	2.039,4	2.005,9	2.173,2
ATIVIDADE **	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**NOV/23**	**NO ANO**
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	5,0%	3,7%	0,9%	1,3%	4,3%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO RESTRITO (IBGE)	8,2%	4,0%	1,2%	2,5%	6,1%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	7,8%	7,6%	7,4%	7,5%	-
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	78,7%	78,5%	78,6%	78,4%	-
INADIMPLÊNCIA ***	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**NOV/23**	**MÉDIA EM 2024**
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,2%	4,2%	4,0%	4,3%	4,2%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	5,5%	5,6%	5,6%	5,8%	5,5%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	2,2%	2,2%	2,0%	2,1%	2,2%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	3,3%	3,3%	3,2%	3,6%	3,3%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	FEV/24 A MAR/23	JAN/24 A FEV/23	DEZ/23 A JAN/23	NOV/23 A DEZ/22	OUT/23 A NOV/22
RESULTADO NOMINAL	9,24%	9,07%	8,91%	7,83%	7,78%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,44%	2,25%	2,29%	1,22%	1,06%
	FEV/24	**JAN/24**	**DEZ/23**	**2023**	**2022**
DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL	75,55%	75,12%	74,42%	74,42%	71,68%
DÍVIDA BRUTA INTERNA	66,37%	65,95%	65,58%	65,58%	62,70%
DÍVIDA BRUTA EXTERNA	9,17%	9,17%	8,84%	8,84%	8,98%
CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**NO ANO**
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	5.012	8.741	-389	13.754
EXPORTAÇÕES	27.980	23.494	26.798	28.839	78.272
IMPORTAÇÕES	20.498	18.186	20.510	19.479	59.194
SALDO COMERCIAL	7.483	5.308	6.287	9.360	19.078
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-4.373	-5.100	-5.870	-9.472
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	352.705	355.066	355.034	352.705
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	347.433	344.888	342.191	347.433

** Acumulado nos últimos 12 meses; ** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego; *** Em proporção do volume de crédito concedido. - Recursos Livres (a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas econômicas do BACEN*

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE

MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Têxtil	-12,64	151,40
Alimentos	-0,86	74,08
Saneamento	2,91	50,65
Celulose	0,63	45,35
Educação	-22,23	43,90

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Açúcar e Álcool	-9,38	-6,67
Siderurgia e Metalurgia	0,36	-7,32
Serviço de Locação	-4,87	-12,86
Mineração	-0,03	-18,71
Agronegócio	-5,52	-29,71

Fonte: Austin Rating de 16/abr/24

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	MAR/24	FEV/24	JAN/24	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,26%	0,46%	0,46%	1,18%	2,87%
IGP-M (FGV)	-0,47%	-0,52%	0,07%	-0,91%	-4,26%
IGP-DI (FGV)	-0,30%	-0,41%	-0,27%	-0,97%	-4,00%
IPCA (IBGE)	0,16%	0,83%	0,42%	1,42%	3,93%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,24%	0,42%	0,51%	1,17%	4,35%

JUROS/APLICAÇÃO	MAR/24	FEV/24	JAN/24	NO ANO	12 MESES
CDI	0,83%	0,80%	0,97%	2,62%	12,35%
TLP	0,42%	0,40%	0,48%	1,30%	5,38%
POUPANÇA	0,53%	0,51%	0,59%	1,64%	7,60%
TJLP	0,53%	0,53%	0,53%	1,59%	6,84%
CDB/RDB - TAXA PREFIXADA MÉDIA	0,74%	0,73%	0,85%	2,37%	11,12%

CÂMBIO/PETRÓLEO	16/04/2024	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	5,264	-5,08%	-8,02%	-6,11%
US$/EURO	1,063	-1,61%	-3,84%	-2,63%
IENE/US$	154,59	-2,10%	-8,47%	-12,98%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	90,02	2,90%	16,85%	6,21%

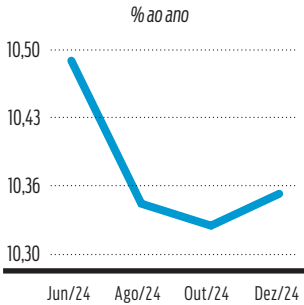
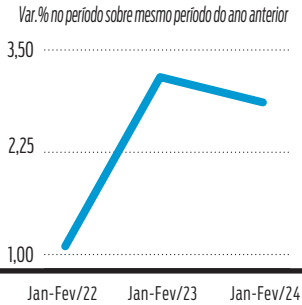
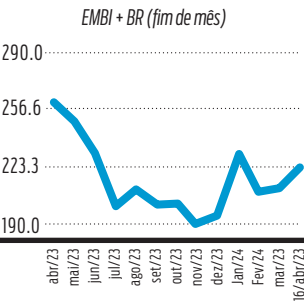
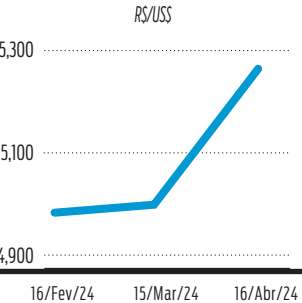
MERCADOS FUTUROS 16/04/2024	JUN/24	AGO/24	OUT/24	DEZ/24
CÂMBIO (R$/US$)	5,273	5,304	5,334	5,363
	JUN/24	AGO/24	OUT/24	DEZ/24
DI DE 1 DIA (% A.A.)	10,49	10,35	10,33	10,36
	JUN/24	AGO/24	OUT/24	DEZ/24
IBOVESPA (PONTOS)	126.108	127.918	129.856	131.746
	MAI/24	JUL/24	SET/24	DEZ/24
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	283,80	286,65	276,50	273,50

JUROS FUTUROS

16/04/2024

% ao ano

10,50
10,43
10,36
10,30

Jun/24 Ago/24 Out/24 Dez/24

IBC-BR (BACEN)

RISCO-PAÍS

TAXA DE CÂMBIO NOMINAL (BACEN)

DESTAQUE POSITIVO DA SEMANA Após reduzir prejuízo e alcançar Ebitda positivo pela primeira vez desde a fundação, ações da Dotz sobem 12,82%

BOLSAS NO MUNDO

24/07/2023

Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
		COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)				**VARIAÇÃO (US$)**	
Brasil	Ibovespa	124.389	-2,90%	-7,30%	17,33%	-7,83%	-14,74%
Brasil	IBrX 100	52.544	-2,74%	-6,92%	17,38%	-7,68%	-14,38%
EUA	Dow Jones	37.799	-5,05%	0,29%	11,21%	-5,05%	0,29%
EUA	Nasdaq	15.865	-3,14%	5,69%	30,50%	-3,14%	5,69%
Japão	Nikkei 225	38.471	-4,70%	14,96%	34,92%	-6,70%	5,23%
China	Shanghai	3.007	-1,13%	1,08%	-11,18%	-1,27%	-0,77%
Alemanha	DAX 30	17.766	-3,93%	6,06%	12,52%	-5,47%	1,99%
França	CAC 40	7.933	-3,33%	5,16%	5,79%	-4,89%	1,13%
Reino Unido	FTSE 100	7.820	-1,66%	1,13%	-0,75%	-3,20%	-1,13%

Fonte: Austin Rating

RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

*16/abr/24 (inclui JS = Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic 2024	01/09/2024	Selic	1,11%	7,47%	13,73%
Tesouro Prefixado (JS) 2025	01/01/2025	Prefixado	1,44%	9,60%	16,76%
Tesouro IPCA+ (JS) 2024	15/08/2024	IPCA	0,96%	6,94%	10,87%
Tesouro IGPM+ (JS) 2031	01/01/2031	IGP-M	1,77%	-0,87%	-0,74%
Tesouro Prefixado 2024	01/07/2024	Prefixado	1,32%	8,65%	15,56%

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
CLEAR SALE	Financeiro	28,22
TERRA SANTA PA	Imobiliário	19,42
DOTZ S/A	Serviços	12,82
WLM IND COM	Petróleo e Gás	9,31
INEPAR	Industrial	7,24

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
DASA	Saúde	-21,30
ALLIED TECNOLOGIA	Tecnologia	-22,11
AMBIPAR	Serviços	-22,71
ÂNIMA EDUCAÇÃO	Educação	-23,68
CVC BRASIL	Serviços	-25,84

Fonte: Austin Rating *16/04 a 08/04

TERMÔMETRO DO MERCADO

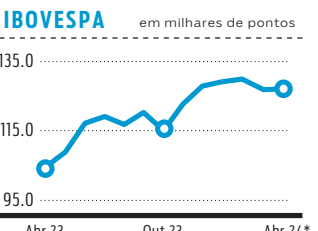
O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	124.388
Mínima	124.388
Máxima	131.689

Fonte: B3* Até 16/04/2024

IBOVESPA

em milhares de pontos

*Até 16/04/2024

“SEMPRE QUE HÁ UMA MUDANÇA NO GOVERNO, ISSO TORNA A ÂNCORA FISCAL MENOS TRANSPARENTE OU MENOS CRÍVEL. ASSIM, O CUSTO DA POLÍTICA MONETÁRIA SE TORNA MAIS ALTO"

ROBERTO CAMPOS NETO,
presidente do Banco Central

+ 18,4%

Foi o aumento das vendas líquidas da MRV no primeiro trimestre, totalizando R$ 2,13 bilhões, informou a empresa em balanço. Já a velocidade de vendas (VSO) foi de 33,1% no 1T24, alta de 11,1 pontos percentuais na comparação ano a ano. Os lançamentos saltaram, totalizando R$ 1,594 bilhão no 1T24, um aumento de 150,4% na comparação anual.

1,147 trilhão Foi a cifra batida em março no Valor Bruto da Produção (VBP) do agro. Do total, as lavouras somam R$ 775,8 bilhões (ou 67,6% do todo), e a pecuária R$ 371,4 bilhões (32,4%). A evolução do VBP nos últimos cinco anos foi de 12,5%, impulsionada por cacau (+55,6%), mandioca (+50%), cana-de-açúcar (+36,7%) e arroz (+21%).

R$

380 milhões Serão distribuídos por Juros Sobre Capital Próprio (JCP) pela Telefônica Brasil. A aprovação se deu por meio do conselho de administração que estipulou data limite para até 30 de abril de 2025 a efetuação dos pagamentos. A ação contábil é uma das que estão no alvo de novos impostos pelo governo federal.

– 18%

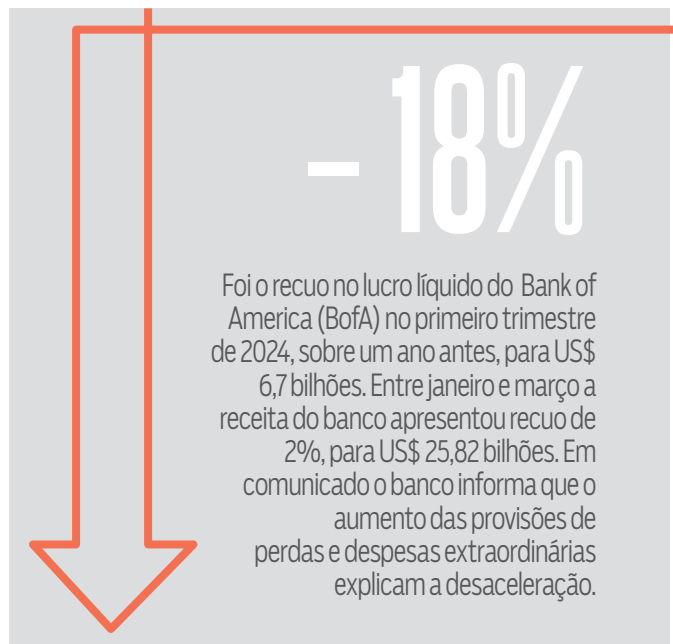
Foi o recuo no lucro líquido do Bank of America (BofA) no primeiro trimestre de 2024, sobre um ano antes, para US$ 6,7 bilhões. Entre janeiro e março a receita do banco apresentou recuo de 2%, para US$ 25,82 bilhões. Em comunicado o banco informa que o aumento das provisões de perdas e despesas extraordinárias explicam a desaceleração.

A regulamentação dos criptoativos, no radar do Banco Central para sair do papel ainda em 2024, parece agradar a maior parte dos brasileiros. Segundo estudo da Consensys, 48% dos entrevistados dizem que o setor deve ser regulado para proteger investidores e o sistema financeiro tradicional. Para 32%, são necessárias normas que incentivem a participação responsável no setor de moedas digitais. O estudo também revela que 60% dos investidores contumazes gostariam de iniciar ou ampliar aportes em criptomoeda, caso houvesse mais segurança jurídica. Entre as corretoras, 70% disseram que poderiam aumentar a carteira de clientes caso a regulamentação saísse do papel.

 FOTO: FLICKR

SUSTENTABILIDADE E EQUIDADE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO

RAPHAEL VICENTE
DIRETOR GERAL DA INICIATIVA EMPRESARIAL PELA IGUALDADE RACIAL, É PÓS-DOUTORANDO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNO PELA FGV, PROFESSOR E DIRETOR GERAL DA UNIVERSIDADE ZUMBI DOS PALMARES

O Brasil enfrenta o desafio de alinhar crescimento e sustentabilidade, especialmente sob a ótica dos critérios Ambientais e Sociais (ESG). A integração destes critérios não só propõe uma nova trajetória para o desenvolvimento sustentável, mas também ressalta a necessidade urgente de abordar questões sociais profundas, como a discriminação racial, que ainda persistem fortemente no país.

A discriminação racial no Brasil é um dos grandes desafios da nossa sociedade, a qual manifesta-se tanto no acesso desigual às oportunidades econômicas quanto em disparidades sociais. Os negros ocupam menos espaço no mercado de trabalho formal e, quando empregados, recebem salários significativamente menores que seus colegas não negros. Esta desigualdade compromete o potencial econômico do país, pois limita a contribuição de uma grande parte da população ao desenvolvimento nacional.

Além disso, não existe ESG sem o cuidado com as pessoas em situações de vulnerabilidade, uma vez que os problemas ambientais se manifestam de maneiras que afetam desproporcionalmente as populações mais vulneráveis. A poluição do ar é um grave problema urbano, exacerbado pelo intenso tráfego de veículos e pela atividade industrial. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, várias metrópoles brasileiras frequentemente excedem os limites recomendados para partículas poluentes no ar.

Adicionalmente, a falta de áreas verdes e espaços públicos nessas regiões agrava a qualidade do ar e limita as oportunidades de lazer e atividade física, essenciais para a saúde pública.

Em muitas áreas urbanas, a coleta e processamento de lixo são ineficientes, o que leva à acumulação de resíduos em áreas públicas e corpos d'água. Isso não só contribui para a proliferação de doenças transmitidas por vetores, como mosquitos e roedores, mas também impacta diretamente a qualidade de vida das comunidades vulneráveis.

Frequentemente, essas comunidades estão situadas em locais susceptíveis a inundações, que podem ser exacerbadas pelo entupimento de canais e drenagens com lixo acumulado. A exposição a essas condições ambientais adversas perpetua ciclos de pobreza e marginalização, limitando as oportunidades de desenvolvimento econômico e social para esses grupos vulneráveis, que em regra são compostos em sua maioria por pessoas negras.

Portanto, é crucial que o Brasil implemente políticas que enfrentem tanto as desigualdades sociais quanto os desafios ambientais de maneira integrada. Medidas de inclusão racial, programas de empoderamento econômico para comunidades marginalizadas, e investimentos em infraestrutura verde, como a ampliação de áreas verdes urbanas e sistemas de transporte público eficientes, podem mitigar esses impactos ambientais e sociais simultaneamente.

Os benefícios dessas ações são diversos, incluindo a redução da vulnerabilidade ambiental, o fortalecimento da economia pela integração justa e sustentável de mais pessoas ao mercado de trabalho e a promoção de uma sociedade mais equitativa. A participação efetiva de todos os segmentos da população no desenvolvimento econômico não apenas é um imperativo moral, mas também uma estratégia eficaz para o crescimento sustentável.

Além disso, a adoção de práticas empresariais que priorizem a diversidade e a sustentabilidade pode atrair investimentos internacionais, interessados em atuar em mercados que valorizem a responsabilidade socioambiental. Essa abordagem pode colocar o Brasil em uma posição de liderança na América Latina, transformando desafios em oportunidades de desenvolvimento e inovação.

Assim, enquanto a integração dos critérios ESG no cenário econômico brasileiro apresenta desafios, também oferece uma oportunidade única para reformular o desenvolvimento nacional de forma inclusiva e sustentável. A chave para este progresso reside na criação de políticas que não somente atendam às necessidades econômicas imediatas, mas que também promovam a justiça social e a preservação ambiental a longo prazo, garantindo um futuro próspero para todos os brasileiros. Assim, sustentabilidade e equidade devem caminhar juntas, como pilares para um Brasil mais justo.

ARTIGO

POR **VITORIA SADDI***

OURO: PARA ONDE ELE DEVE IR ESTE ANO

Prever seu preço no futuro exige entender o passado e o presente

Os movimentos do preço do ouro sempre foram objeto de fascínio e curiosidade dos investidores. Tema que ganha intensidade em momentos como o atual — a alta vem desde outubro de 2023 e atingiu um pico na série histórica. Para entender essa dinâmica, e prever seu futuro (as perspectivas para 2024), é preciso entender seu passado (o padrão ouro, o padrão ouro-dólar) e seu presente (os determinantes do preço do metal). Em termos históricos, diversos países do mundo em diferentes períodos, adotaram o padrão ouro, em que a moeda era igual a ouro. Era um sistema de câmbio fixo, no qual o valor das moedas nacionais era fixo em relação a uma quantidade específica de ouro. Os governos precisavam manter reservas em ouro suficientes para atender à demanda por conversões. Em termos de comércio internacional, um país com déficit comercial teria um escoamento de ouro, resultando na contração da oferta monetária, o que levava à deflação e igualmente ao aumento da competitividade das exportações, corrigindo assim o déficit. Os países que tinham déficits comerciais eram forçados a enviar ouro para os países superavitários.

Nos Estados Unidos, o padrão ouro foi restaurado em 1920 e estava ativo na crise de 29. Naquele ano, o déficit comercial americano exigiu que houvesse envio de ouro, o que significou consequentemente na queda da oferta da moeda e alta de juros. No mecanismo automático de ajuste do padrão ouro, a redução da oferta monetária durante um período de deflação deveria ter ajudado a estabilizar a economia. Mas na prática isso não aconteceu. À medida que os bancos entraram em colapso e as corridas bancárias começaram, o público começou a trocar moeda por ouro, esgotando as reservas de ouro e contraindo com mais força a oferta monetária. Isso levou a uma deflação ainda mais severa, diminuindo os preços e aumentando o peso real das dívidas, exacerbando os problemas econômicos. Os Estados Unidos saíram de tal sistema em 1933 e passaram a adotar o padrão ouro-dólar — formalizado em Bretton Wood, em 1944.

Neste sistema, as moedas dos países participantes (quase meia centena) eram atreladas ao dólar americano, que por sua vez era conversível em ouro a uma taxa fixa, estabelecida em US$ 35 por onça de ouro. As outras moedas eram fixadas ao dólar em taxas de câmbio estáveis, que podiam ser ajustadas apenas com a aprovação do Fundo Monetário Internacional (FMI), criado na ocasião. Com isso, o dólar americano tornou-se a principal moeda de reserva do mundo e a unidade padrão para o comércio internacional. O sistema buscava oferecer estabilidade monetária e impedir desvalorizações competitivas.

O padrão ouro-dólar funcionou como a base do sistema financeiro internacional até o início dos anos 1970. Ao longo das décadas de 1950 e 1960 já começaram a surgir problemas. O déficit do balanço de pagamentos dos Estados Unidos (e a impossibilidade de desvalorizar o dólar) exigiu que o país imprimisse moeda para financiar tal déficit. Isso levantou preocupações entre os detentores de dólares fora dos Estados Unidos quanto à capacidade do governo americano de manter a paridade fixa do ouro. O sistema finalmente entrou em colapso em 1971, quando o presidente Richard Nixon anunciou que os Estados Unidos não mais converteriam dólares em ouro a uma taxa fixa, dando início à era das taxas de câmbio flutuantes que conhecemos hoje.

O ouro enquanto ativo é considerado um 'safe haven asset'. Em tempos de crises financeiras e inflação alta as pessoas compram ouro e dólar. Ou seja, nesses episódios, o preço do ouro aumenta sobretudo devido à maior demanda pelo ativo. Em geral, o ouro é referenciado em dólar. Assim, sempre que o dólar sobe o preço do ouro (em dólar) cai (e vice-versa). A alta recorde do ouro desde outubro passado é devida a três fatores. O primeiro deles deve-se ao fato de os países estarem trocando suas reservas em dólar por ouro devido à piora quanto aos rumos futuros da política fiscal americana. O segundo está relacionado à guerra no Oriente Médio. O terceiro aspecto relevante é a queda do dólar devido às expectativas do mercado de que o Federal Reserve deva baixar a taxa de juros ainda este ano. Em parte, porque esperamos a prevalência destes fatores até o final deste ano, apostamos na continuidade da alta do metal. S

**VITORIA SADDI é estrategista da SM Futures. Dirigiu a mesa de derivativos do JP Morgan e foi economista-chefe do Roubini Global Economics, Citibank, Salomon Brothers e Queluz Asset, em Londres, Nova York e São Paulo. Também foi professora na California State University, na University of Southern California e no Insper. É PhD em economia pela University of Southern California.*

INÊS249

PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

16
MARIZA
UMA DAS MAIORES ARTISTAS PORTUGUESAS
IMPERDÍVEL!
TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA: PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW BANDA COLOMY
19 DE ABRIL - 22H
21 DE ABRIL - 20H

16
VANESSA DA MATA
vem doce
27 DE ABRIL - 22H

16
ICATU APRESENTA
Simone Tô Voltando
Últimos Shows
04 DE MAIO - 22H
patrocínio ICATU

16
DANIEL BOAVENTURA
TOUR BEST PART OF THE SHOW
Especial de DIA DAS MÃES
10 DE MAIO - 22H

16
SÉRGIO MALLANDRO
OS PERRENGUES DO MALLANDRO!!!
11 DE MAIO - 21H30

16
50 ANOS DE HISTÓRIA DA DISCO MUSIC
O único, inigualável e OS ORIGINAIS:
VILLAGE PEOPLE
Tocando os maiores sucessos de uma geração:
YMCA • Macho Man • In the Navy
Go West • San Francisco (You've Got Me)
17 DE MAIO - 22H

L
LUCCAS NETO
LUCCAS E GI EM O MUNDO DE MAGIA E FANTASIA
18 DE MAIO - 11H E 16H
NOVO SHOW

16
EDSON & HUDSON
Foi DEUS
24 DE MAIO - 22H

Cia. Aérea Oficial: Azul | Mídia Partner: uol | Apoio: ESTANPLAZA HOTELS, shift Mobilidade Corporativa, CONSIGAZ, CRISTÁLIA Sempre um passo à frente... | Realização: grupo Tom Brasil, TOMHACK

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.

Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Alvará Prefeitura:2023/03154-00 Val:21/05/2024 | Alvará Bombeiro: nº 605304 Val:06/10/2024. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120